

CARTA DO
LIBANO

RIMA ABDUL MALAK

LIBANESA É
MINISTRA
DA CULTURA
DA FRANÇA:
DA GUERRA
CIVIL PARA A
DEMOCRACIA
CULTURAL

ENTREVISTAS

JORGE DAHER
DAUD FILHO
& GUILHERME
BUENO MALOUF

OSMAR CHOIFI
BASÍLIO CHEDID JAFET

A HISTÓRIA
DA BEATA
ISABEL CRISTINA
MRAD CAMPOS



Telefone
(12) 3663-3887



WhatsApp
(12) 3663-3577



www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinncampos.com.br

**SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL
E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!**



*O Castelo mais charmoso
de Campos do Jordão*



Telefone
(12) 3662-5950



WhatsApp
(12) 3663-4338



www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE
TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
RIMA ABDUL MALAK
FOTO
AFP

PERSONAGENS MARCANTES

Um conteúdo envolvendo gestão cultural, empreendedorismo, negócios e espiritualidade é o que preparamos para esta edição de Carta do Líbano. Diretamente de Paris, ouvimos a atual ministra francesa da Cultura, Rima Abdul Malak, nascida no Líbano, fazendo da inclusão, da diversidade e do incentivo às artes - sobretudo entre os jovens - as principais plataformas de sua gestão. Assim como a cultura fez a carreira vitoriosa da carioca Katia Chalita, educadora e personalidade de Comunicação, que acaba de receber a *Legion d'Honneur* do governo francês.

Quarenta anos depois de sua morte, a beata mineira Isabel Cristina Mrad Campos está em processo para se tornar a segunda santa brasileira. Enquanto Belo Horizonte reabre o santuário de São Jorge, um símbolo religioso, histórico e cultural da cidade.

Em São Paulo conversamos com os diretores culturais do tradicional Clube Monte Líbano e com o empresário Basílio Chedid Jafet, do centenário clã da comunidade libanesa. Além do depoimento do ex-embaixador e atual presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, Osmar Chohfi.

Ancestralidade e memória ficam por conta das histórias de vida dos saudosos Georges Melhem Hariz, Aziz Ary e Georges Kamel Doumit.
Boa leitura.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[@cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[@cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 194 • 04.2023

CARTA DO
LIBANO

06 | Cartas

08 | Capa

Nascida em uma família refugiada do conflito civil no Líbano, hoje ela faz parte do mais alto escalão do governo francês. Ministra da Cultura de Emmanuel Macron, Rima Abdul Malak está comprometida com temas de identidade, colonialismo e restituição de tesouros históricos, em uma perspectiva equilibrada e visão de futuro

16 | Francofonia

Katia Chalita, renomada profissional nas áreas da cultura, educação e comunicação, a brasileira de origem libanesa acaba de receber a mais alta condecoração do governo francês, a Legion d'Honneur

18 | Igreja

Martirizada e morta há 40 anos, a estudante mineira Isabel Cristina Mrad Campos foi beatificada pelo papa Francisco em 2022. Agora segue na Santa Sé o processo que a tornará santa

24 | Entrevista

Dois diretores culturais falam sobre as atividades do Clube Atlético Monte Líbano

28 | Entrevista

Tecnologia de alta performance, descomplicação no ambiente de negócios, cultura ancestral e a lucrativa produção halal. Foco e determinação no segundo mandato de Osmar Chohfi

como presidente da Câmara do Comércio Árabe-Brasileira

32 | Entrevista

Basílio Chedid Jafet: “Nosso maior capital é o ser humano”

38 | Dia São Maron

O prefeito Ricardo Nunes e outras personalidades políticas marcaram presença durante a missa de São Maron, na Igreja Maronita, em São Paulo

42 | Patrimônio religioso

Mais de uma grande reforma, a Igreja São Jorge de Belo Horizonte é reaberta aos fiéis com a bênção do arcebispo dom Damaskinos Mansour

48 | Legado & Inspiração

Com espírito conciliador e capacidade de trabalho, o empresário Georges Hariz conquistou uma legião de amigos e é apontado como “imigrante padrão”, contribuindo para a formação da identidade líbano-brasileira

52 | Legado & Inspiração

Um pouco da trajetória de Aziz Ary e da própria comunidade libanesa cearense é resgatada agora por “Aziz Ary – Um fidalgo diplomata”

56 | Legado & Inspiração

Com garra e determinação, o empresário Georges Kamel Doumit fez mais do que fortuna no Brasil. Mostrou que é importante ter fé, acreditar em si mesmo e jamais trair o coração

62 | Entre Aspas



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presentearando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 7307 · CONTA CORRENTE 48007-4

CARTAS

Prezado editor,
sr. Fouad Naime,

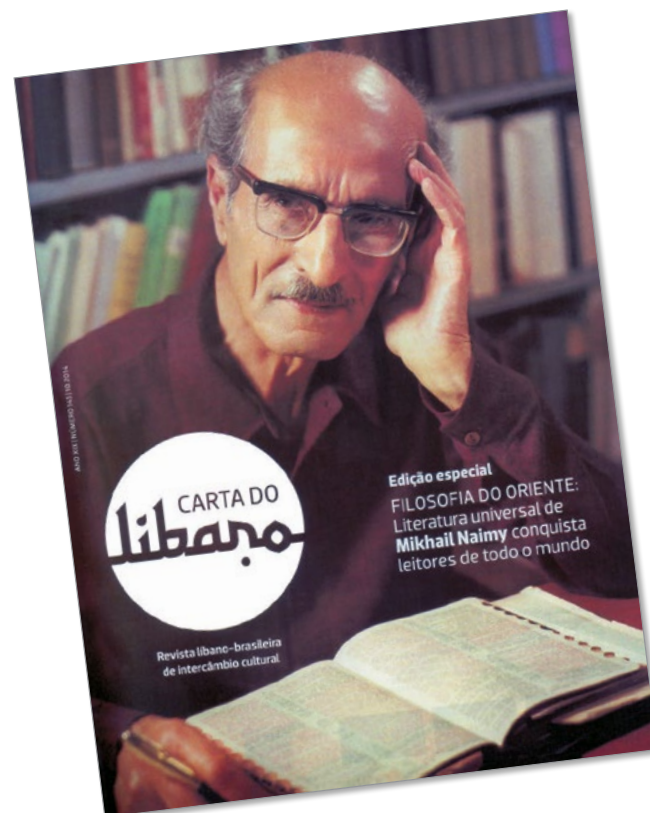
“Foi um prazer receber a edição especial da revista Carta do Líbano com a reportagem intitulada Filosofia do Oriente: “Literatura universal de Mikhail Naimy conquista leitores de todo o mundo”.

Essa publicação, que você generosamente compartilhou comigo através de seu sobrinho, meu querido aluno Christian Alam, fará parte do arquivo que mantenho no museu-casa Mikhail Naimy, na região de Mtayleb, em Metn, no Líbano.

Mikhail Naimy passou seus últimos vinte anos (c.) em sua casa em Zalka - subúrbio ao norte de Beirute - com a sobrinha May Najeeb Naimy - minha mãe, a quem ele chamava “anjo da guarda” e cuja foto, publicada na autobiografia do autor, “Sab ‘oun”, foi reproduzida na matéria de Carta do Líbano. Ele passou aquele período vivendo com minha mãe e eu e formávamos a família “Mimasuna” (Mi = Mikhail, Ma = May, Su = Suha, Na = Naimy).

Em 15 de dezembro de 2018, mudei nossa casa de Zalka para Mtayeb, onde agora existe o museu, que é visitado pelos muitos leitores e amantes da obra de Mikhail Naimy em todo o mundo.

Estou ansiosa para receber você e seus entes queridos, bem como meu aluno Christian e família, no coração do nosso museu em Mtayleb.



Obrigada pelo envio realmente especial.

Consegui entender, aqui e ali, algumas palavras da língua portuguesa, e apreciei as fotos: uma visão completa da vida e filosofia de Mikhail Naimy. Gostaria de poder ler em português!

Mas, independentemente do idioma escrito, existe uma linguagem que vai além, a do respeito e do amor. Ela está presente nessa edição especial e me proporciona a compreensão do conteúdo apresentado.

Ao finalizar essa mensagem, deixo-vos estas palavras de Mikhail Naimy, no “Livro de Mirdad”:

“O amor é a lei do universo: ame para que você aprenda a viver; viva para que você aprenda a amar. Não há outra lição exigida do homem.”

Obrigado pelo amor e pelo respeito que habitam em você,

Sinceramente,

Suha Naimy
Haigazian University
Beirute, Líbano



ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

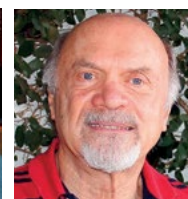
SAÚDA A
PRESENÇA
FEMININA



Raul Marino Jr.



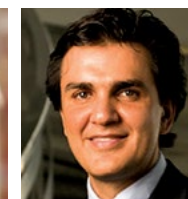
Miguel Reale Jr.



Júlio Medaglia



Betty Milan



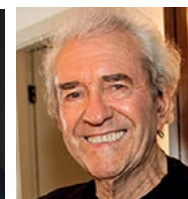
Gabriel Chalita



Luiz Carlos Lisboa



Leandro Karnal



Juca de Oliveira



Marcio Scavone



Rubens Barbosa



Eros Grau



Paulo Nathanael



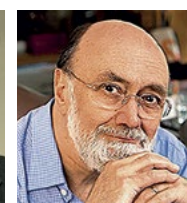
João Carlos Martins



Walcyr Carrasco



José Gregori



Bolívar Lamounier



João Lara Mesquita



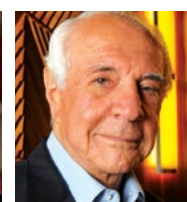
Jorge Caldeira



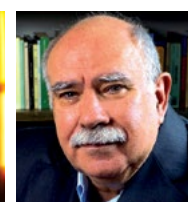
Synésio Sampaio Goes Filho



Michel Temer



Roberto Duailibi



José de Souza Martins



Celso Lafer



Maurício de Sousa



José Goldemberg



José Fernando Mafra



Fábio Lucas



Djamila Ribeiro



José Pastore



Raul Cutait



Ives Gandra



Antonio Pentead Mendonça



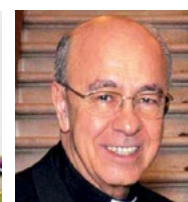
Tom Zé



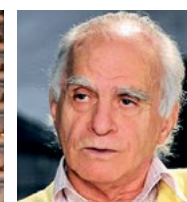
Tércio Sampaio Ferraz



Maria Adelaide Amaral



Dom Fernando Figueiredo



Ignácio de Loyola Brandão



Ruth Rocha



Mary del Priore



José Renato Nalini

RIMA ABDUL MALAK

A HUMANIDADE NASCIDA DOS ESCOMBROS DA GUERRA

Nascida em uma família refugiada do conflito civil no Líbano, hoje ela faz parte do mais alto escalão do governo francês. Ministra da Cultura de Emmanuel Macron, Rima Abdul Malak está comprometida com temas de identidade, colonialismo e restituição de tesouros históricos, em uma perspectiva equilibrada e visão de futuro

É

Semana da Alta Costura em Paris e Rima Abdul Malak, ministra da Cultura da França, é convidada do desfile de Georges Chakra. Ela veste um tailleur azul royal de corte preciso combinando com seus óculos de aros azuis.

O visual sinaliza os negócios de sempre; costuma ser fotografada de blazer na escadaria do Palácio do Eliseu. A ministra abre um largo sorriso, concordando descontraidamente com os pedidos de fotos. A Semana da Couture, como todas as artes e profissões da moda, design, cinema, literatura, música, artes visuais e cênicas, patrimônio, museus e arquitetura, língua francesa e inovação digital, estão sob o guarda-chuva do Ministério da Cultura.

Mas se Rima escolheu comparecer ao desfile de Georges Chakra, há uma razão pessoal – eles são primos e libaneses.

Ministra da Cultura desde maio de 2022, Rima Abdul Malak nasceu em 1979 em Beirute, no auge da Guerra Civil. “Meus primeiros 10 anos no Líbano foram 10 anos de guerra”, afirma ela em seu escritório no Ministério da Cultura, onde, naquela manhã, sentou-se para uma sessão de fotos para a “Vogue Arábia”. Na foto, tem nas mãos um livro de poemas de André Chérid, autora que considera um símbolo de identidade diversa. “Hoje as pessoas querem que tenhamos uma identidade específica, mas a identidade é sempre diversa. A escritora nasceu no Egito, filha de pai libanês e mãe síria. Mais tarde, viveu no Líbano. Ela



De refugiada ao protagonismo político na França: Há um ano Rima Abdul Malak está à frente do Ministério da Cultura do governo Emmanuel Macron

FOTOS: AFP



Sólida formação acadêmica: a ministra estudou ciências políticas e graduou-se em desenvolvimento de cooperação internacional pela Sorbonne, em Paris

Quando criança em uma Beirute devastada pela guerra, a jovem Rima Abdul Malak não ia ao cinema, não tinha aulas de balé ou ia ao teatro. Sua única atividade cultural era a leitura

escreveu seus primeiros poemas em inglês, depois foi para a França, começou a escrever em francês e nunca mais parou. É uma das maiores poetisas que ainda é lida na França e no mundo atualmente. André Chédeville é a personificação da diversidade que precisamos manter – para realmente falar sobre identidade de forma variada e não de forma tão essencialista”, destaca. Rima fala com paixão evidente, e é de se perguntar se ela está se referindo a si mesma ou à escritora.

À ESPERA DE CARTAS E CARTÕES POSTAIS

Quando criança em uma Beirute devastada pela guerra, a jovem Rima não ia ao cinema, não tinha aulas de balé ou ia ao teatro. Sua única atividade cultural era a leitura. “A livraria que eu amava se chamava Librairie Antoine. Às vezes ficávamos por horas, andando por lá e descobrindo coisas novas. Eu adorava ler em francês, especificamente as revistas Bayard para crianças. Aquela livraria era meu espaço cultural, meu refúgio”. A mãe geóloga e o pai biólogo lecionavam na universidade pública libanesa e faziam de tudo para proteger os três filhos da guerra com brincadeiras, bolos e festas de aniversário. No entanto, o conflito frequentemente batia à sua porta, e a jovem Rima, a irmã e o irmão tinham de abandonar a escola de tempos em tempos e fugir para a casa dos avós em Ajaltoun, no distrito Keserwan, por segurança. Por fim, a família fugiu do país, chegando a Lyon, na França, onde os pais estudaram nos anos 1970. “Era a única cidade que eles conheciam”, contou Rima, acrescentando que eles solicitaram e receberam a cidadania francesa. Seus bens materiais eram poucos e distantes entre si. “Quando chegamos, não tínhamos nada além de cinco malas. Mas tínhamos alguns amigos que foram muito receptivos. Eles

nos ajudaram com roupas, utensílios domésticos, móveis – ganhamos tudo”.

Na França, a ministra estudou ciências políticas antes de se formar em desenvolvimento de cooperação internacional, na Sorbonne. Foi apresentada à língua francesa na escola jesuíta Notre-Dame de Jamhour, em Beirute. Ela lembra que, enquanto se adaptava à nova vida, logo descobriu que a França sobre a qual havia lido nos cantos aconchegantes de sua livraria tinha muito de ficção. “Era tudo tão diferente do que eu imaginava... não tinha homem de boina com baguete debaixo do braço. O carteiro não veio de bicicleta para trazer a correspondência. Em Beirute, não tínhamos um sistema de correio funcionando, mas apenas um carteiro ... e eu sonhava em enviar e receber cartas ou cartões postais”, diz ela, com voz forte ao compartilhar a desilusão melancólica. Enquanto isso, a vida no ensino médio nos subúrbios de Lyon era intimidadora. “Os dois primeiros anos foram muito difíceis. Eu não falava francês muito bem, não tinha amigos na escola e era muito tímida”. Tudo mudou no terceiro ano, quando a professora de francês introduziu a classe ao teatro e as pressões sociais e acadêmicas começaram a diminuir. “Para mim este foi um grande momento de abertura e descoberta de um novo mundo. Abriu minha imaginação. Também me ajudou no francês porque comecei a ler teatro, improvisar e interpretar”.

A ARTE AJUDA A VIDA TODOS OS DIAS

Hoje, a língua francesa é uma das atribuições mais importantes da ministra. Neste verão, o presidente francês Emmanuel Macron inaugura a Cidade Internacional da Língua Francesa no restaurado castelo de Villers-Cotterêts, uma hora a leste de Paris. Ali irá operar um novo centro de

cultura e educação dedicado aos povos de língua francesa. Historicamente, o colonialismo francês e a língua estão intimamente ligados. Sua segunda era colonial, aproximadamente entre 1830 e 1969, viu o idioma proliferar da Indochina e do Egito, para um terço da África e da América Latina. Rima considera isso um resultado normal da história. “Hoje, devemos olhar para frente. Em todo o mundo, é importante preservar a diversidade cultural e linguística. Nos países de língua árabe, aprender francês pode abrir oportunidades de empregos e desenvolvimento internacional. É uma riqueza cultural e econômica. Sempre tenho em mente o que líderes anticoloniais, como a argelina Kateb Yacine, costumavam dizer: ‘Le français est notre butin de guerre’ – o francês é o nosso despojo de guerra.” Ela acrescenta: “Existe uma maneira descolonizadora de reivindicar o francês. É uma língua da literatura, da poesia, e ainda hoje muitos escritores querem escrever em francês; isso também apresenta uma riqueza real para falar ao mundo. Para mim é tão importante quanto manter vivo o idioma árabe e seus múltiplos dialetos. Seria uma pena ter apenas o inglês como denominador comum.

Precisamos de uma diversidade maior e a diversidade também pode vir do francês”. Não obstante, a ministra continua consciente de que muitas crianças árabes e imigrantes lutam para se integrar à cultura francesa. “Cada experiência de exílio é específica. Eu diria aos jovens para sempre acreditarem em si mesmos. Dificuldades sempre podem ser superadas. A certa altura, alguém se tornará seu amigo, alguém o ajudará e, pouco a pouco, você encontrará seu caminho”. Ela incentiva os jovens a se refugiar na arte e na cultura. “Assim que puder, tente interagir com algo artístico – um livro, poesia, arte, teatro, música, qualquer coisa que ajude de alguma forma a superar a realidade.

“Eu diria aos jovens para sempre acreditarem em si mesmos. Dificuldades sempre podem ser superadas. A certa altura, alguém se tornará seu amigo, alguém o ajudará e, você encontrará seu caminho”

Encontre na ficção alguma força para entender o mundo e encontrar o seu lugar nele. A arte pode ajudar a elevar sua vida todos os dias. Os artistas promovem emoções, sensibilidade, abrem sua mente, seus olhos e seu coração. Assim que puder – pare em uma biblioteca, livraria, sala de concertos. Qualquer coisa que dá vida à arte dá sentido à vida”.

“A EXPERIÊNCIA COLETIVA REVELA O QUE TEMOS EM COMUM”

Vinte anos atrás, Rima atuou como diretora de programa da ONG Palhaços Sem Fronteiras. Nesse papel, colaborou para fazer da magia de uma representação sem palavras uma ferramenta de linguagem universal, auxiliando na cura de traumas e no desenvolvimento da autoconfiança. “Talvez o que eu tenha trazido para crianças no mundo seja, de certa forma, o que eu desejava que as crianças libanesas tivessem durante a guerra”, avalia.

Essa missão abrangente prossegue hoje em seu papel como ministra da Cultura. “No Ministério, desenvolvemos muitos programas inclusivos que levam a cultura para áreas ou comunidades desfavorecidas – incluindo jovens e crianças. Esta é uma parte importante do nosso orçamento e prioridades. Também ajudamos pessoas de diversas origens a se orientarem no setor cultural”, explica. O recente projeto “La Relève”, lançado por ela, incentiva o surgimento de uma nova geração de líderes culturais, selecionando 100 jovens profissionais dispostos a atuar em cargos de direção no setor. “Quero criar uma espécie de pool de futuras lideranças. Entre eles, alguns chegariam ao comando de grandes instituições”, conta. Os objetivos do Ministério são compartilhados com iniciativas do setor privado como Fondation Culture et Diversité e L'école Kourtrajmé, cuja missão é auxiliar jovens desfavorecidos a iniciar uma carreira

“Acredito em projetos que unem pessoas que compartilham os mesmos sentimentos e sonhos. Um espaço cultural que possibilite uma experiência coletiva aonde possamos ir além de nossas diferenças”

nas artes. “Não somos apenas nós, o governo, que podemos fazer isso. É bom haver um setor privado forte e comprometido com esses valores”.

Junto à disparidade econômica, a ministra também está consciente da desigualdade de gênero. E se o ministério conta com apenas um ministro e seis mulheres desde 2012, ela ressalta que as mulheres na política francesa são um fenômeno recente. “A igualdade de gênero também é uma das minhas prioridades. Por exemplo, significa fazer o possível para nomear mais mulheres em nossa administração e à frente das instituições culturais. Exemplo disso é Caroline Guiela Nguyen, de 41 anos, descendente de norte-africanos e vietnamitas, que acaba de ser nomeada diretora do Théâtre National de Strasbourg. Atualmente é a única diretora mulher entre os sete teatros nacionais franceses. Na música e no cinema, o ministério criou um sistema de bônus que dá financiamento extra para produções que respeitam a igualdade de gênero. “Meu principal trunfo é procurar aproximar as pessoas. A melhor forma que encontrei para isso é através da arte e da cultura, seja com os Palhaços Sem Fronteiras, seja trabalhando com o prefeito de Paris, seja agora como ministra da Cultura. Acredito em projetos que unem pessoas que compartilham os mesmos sentimentos e sonhos. Um espaço cultural que possibilite uma experiência coletiva aonde possamos ir além de nossas diferenças e revelar o que temos em comum”.

Nos países do Golfo Pérsico, especialmente nos Emirados Árabes Unidos, a França encontrou um parceiro ambicioso. Hoje, o Louvre Abu Dhabi, projetado por Jean Nouvel, é um símbolo próspero dessa conquista bem-sucedida e emblemática, e não é o único. O embaixador dos Emirados Árabes na França, Hend al-Otaiba, enfatiza: “A cultura está na vanguarda do relacionamento

EAU-França – é por meio da arte, museus, educação e linguagem que promovemos laços mais profundos que constroem pontes e entendimento. Como a ministra da Cultura, Rima Abdul Malak, desempenhou um papel fundamental ao colocar a cultura no centro da agenda bilateral e multiplicar nossa colaboração em áreas de interesse”.

A ministra acrescenta que os dois países estão discutindo diversas cooperações, na música com a Filarmônica de Paris, no design e artesanato, e na crescente indústria digital. “O sucesso do Louvre Abu Dhabi está nos levando a novos campos de colaboração. Também conheci pessoas que trabalham com filmes de animação e videogames – os franceses são muito bons nisso, e já conectamos startups e empresas da França e dos Emirados. Também estamos desenvolvendo a iniciativa ALIPH Foundation – uma organização internacional criada pela França e Emirados Árabes Unidos, em 2017, sediada em Genebra. Para apoio na restauração do patrimônio danificado em áreas de conflito”, explica. “Apoiamos a reconstrução no Iraque, no Líbano, na Etiópia, no Iêmen e em muitos países. Mesmo agora na Ucrânia, através do ALIPH e outros parceiros, estamos apoiando a proteção de museus e locais culturais danificados”. A França também é parceira da Arábia Saudita no AIUla, um ambicioso projeto cultural e turístico. AIUla abriga a cidade nabateia de Hegra, que é Patrimônio Mundial da Unesco desde 2008. Através da cultura – rotas arqueológicas, museus, cidade velha – e da natureza – paisagens notáveis, deserto, oásis – o projeto oferecerá uma experiência turística única.

HIERÓGLIFOS NA INGLATERRA E PICASSO EM DAKAR

Enquanto a França colabora com o mundo árabe no auxílio à reconstrução de sítios

Para a jovem que fugiu da Guerra Civil Libanesa e hoje é ministra francesa da Cultura; ela se tornou – graças ao seu trabalho e a autoridade de seu cargo – uma poderosa mensageira humanitária

culturais, a repatriação de vários tesouros é um tema em pauta, principalmente no Egito. O arqueólogo, egiptólogo e ex-ministro de Estado para Assuntos de Antiguidades, dr. Zahi Hawass, lançou uma petição Change.org “em homenagem à inauguração do Grande Museu Egípcio em Gizé”. Ele escreve: “A Pedra de Roseta [a chave para a decifração dos hieróglifos] foi removida de seu local de descoberta original em 1799, pelo exército de ocupação francês, e tomada em 1801 pelos britânicos, que a levaram para a Inglaterra no ano seguinte. O Egito nunca teve direito a uma palavra sobre o assunto”. Ele acrescenta: “O Zodíaco foi arrancado de seu local no teto de uma capela no templo de Dendera pelos franceses, na década de 1820, e está no Louvre desde 1922... Como a Pedra de Roseta, também é um ícone egípcio e deve ser retornado ao seu lar de direito”. No momento, essa petição já recolheu 154.103 assinaturas. “Devolver esses dois artefatos icônicos ao Egito seria um importante reconhecimento do compromisso dos museus ocidentais em descolonizar suas coleções e reparar o passado”, acrescenta o dr. Hawass.

Mas enquanto o dr. Hawass mantém uma influência pública significativa, ele não é mais um membro do governo egípcio. A ministra reconhece que hoje as discussões envolvendo a restituição de objetos culturais são frequentes entre os diretores de museus. “Na França, temos o que se chama de ‘inaliénabilité’, o caráter inalienável de uma coleção pública. Isso significa que precisamos de uma lei para ser votada no parlamento e autorizar a restituição de cada artefato. O que tenho proposto desde que me tornei ministra é trabalhar em uma lei-quadro para determinar em que condições podem ocorrer restituições de bens culturais e os critérios para

facilitar futuras restituições”. Ela destaca que o presidente Macron fez um discurso em Burkina Faso, em 2017, sobre a nova era de parceria entre a França e os países africanos, quando falou sobre possíveis restituições. Foi a primeira vez que um presidente francês discutiu o assunto e lançou um novo processo reconhecido internacionalmente. Recentemente, em 2022, a França restituiu 26 estátuas do tesouro real de Abomey ao Benin, na Nigéria. Entretanto, no dia seguinte a esta entrevista, Rima Abdul Malak viajou para Berlim, para lançar um fundo de apoio à investigação para melhor documentar a proveniência de bens culturais africanos em coleções públicas na França e na Alemanha. A ministra explica que a restituição pode ser um elemento chave, mas não é a única resposta. A cooperação bilateral dá o aval para vários projetos entre museus, indústrias, artistas contemporâneos etc. Ela cita a exposição “2022 Picasso à Dakar”, realizada no Musée des Civilizations Noires - em parceria com o Musée du Quai-Branly e o Musée Picasso - como exemplo de estreita relação de trabalho entre França e Senegal.

Para a jovem que fugiu da Guerra Civil Libanesa e hoje é ministra francesa da Cultura; para a jovem que sonhava enviar cartas e cartões postais; ela se tornou - graças ao seu trabalho e a autoridade de seu cargo – uma poderosa mensageira humanitária. Em sua bolsa, carrega um poema; as palavras de Andrée Chedid, seu mantra. A ministra as lê em voz alta: “Jovens que zarpam na confusão dos mundos, não desmoronam a cada sombra, não se curvam sob cada fardo. Que suas lágrimas irrigam em vez de enferrujar. Cuidado com palavras detratórias. Cuidado com o fogo que se consome. Não deixe que seus sonhos desapareçam. Nem reduza o seu olhar. Jovens, ouçam-me, seus sonhos não são em vão”. ■



De olho no futuro:
Na agenda de Rima
Rima, o incentivo
aos jovens para
encarar arte e
cultura como
forma de superar
os desafios
da vida real

COM MUITA HONRA

Renomada profissional nas áreas da cultura, educação e comunicação, a brasileira de origem libanesa acaba de receber a mais alta condecoração do governo francês, a *Legion d'Honneur*

Por decreto assinado pelo presidente Emmanuel Macron, a brasileira de origem libanesa Katia Chalita - presidente da Aliança Francesa no Rio de Janeiro e vice-presidente da Associação Brasileira das Alianças Francesas no Brasil - foi nomeada ao grau *chevalier* da Ordem Nacional da Legião de Honra, na área da Cultura, na França. A honraria foi concedida como reconhecimento à extensa carreira de Katia dedicada ao ensino, tradução, valorização e difusão da língua francesa e culturas francófonas, na televisão e diferentes mídias brasileiras.

A indicação para a comenda partiu da própria embaixada francesa e entre as atribuições levadas em conta pelo governo da França, está a contribuição essencial de Katia para a inovação e adaptação da rede de Alianças Francesas no Brasil, em especial no contexto pós-pandêmico.

Com uma longa e bem-sucedida trajetória profissional em gestão universitária e de órgãos de mídia, atuou como educadora, tradutora, consultora, roteirista e âncora de TV. Roteirizou

e apresentou programas como *France Express* e *Aventures*, na TV Educativa; *Vif@x Brasil* e *Restez Branchés*, na TV Escola Brasil. Além das inúmeras séries educativas e culturais francesas veiculadas em diversas emissoras.

Como tradutora, publicou os títulos "Semiótica Narrativa dos Textos Bíblicos", "Cadernos do Cinema Contemporâneo Francês" (Ed. Sesc), "Sobre o Sentido, de A.J. Greimas; o Ciclo de Conferências de Michel Foucault" e "A verdade e as Formas Jurídicas". Também escreveu artigos sobre a utilização dos programas francófonos como suporte para o ensino de francês, entre os quais "Programas *France Express et Restez Branchés*".

Não é a primeira homenagem recebida por Katia Chalita no campo da francofonia. Anteriormente ela recebeu do governo francês o título de *Officier dans l'Ordre des Palmes Académiques* e a *Medalha de Honra da Fondation des Alliances Françaises de Paris*.

No Brasil, é membro da Academia Petropolitana de Letras, desde 1999. É representante das Alianças Francesas da América do Sul, no Conselho de Administração da Fundação das Alianças Francesas, em Paris. ■

Currículo impecável:
Katia Chalita atuou
como educadora,
tradutora, consultora,
roteirista e âncora de TV

A honraria foi
concedida como
reconhecimento
à extensa
carreira de
Katia Chalita

FOTO: GIOVANNA FRANGIET

BEATA ISABEL CRISTINA MRAD CAMPOS

FÉ, HONRA E CÀSTIDADE

Martirizada e morta há 40 anos, a estudante mineira foi beatificada pelo papa Francisco em 2022.

Agora segue na Santa Sé o processo que a tornará santa. A segunda nascida no Brasil

Em 1º de setembro de 1982, um crime hediondo abalou a cidade mineira de Juiz de Fora. Isabel Cristina Mrad Campos, uma estudante de apenas 20 anos, foi barbaramente assassinada por um homem que fora instalar um armário em seu apartamento. Ele tentou violentá-la, porém diante da resistência da jovem, esfaqueou-a diversas vezes. Ela se defendeu até a morte. O irmão de Isabel Cristina, com quem ela dividia o apartamento, encontrou o corpo no final da tarde ao voltar do trabalho. Uma tragédia que enlutou uma família e marcou para sempre toda uma comunidade.

Corte para quarenta anos depois: Em 23 de junho de 2022, o papa Francisco autorizou a promulgação da data de beatificação de Isabel Cristina Mrad Campos, ocorrida em dezembro último na cidade de Barbacena, Minas Gerais, local de nascimento da beata. Com isso, em breve ela deve se tornar a segunda santa nascida

no Brasil, depois da freira baiana Irmã Dulce, canonizada em 2019 como Santa Dulce dos Pobres.

A cerimônia de beatificação foi realizada por um representante do Sumo Pontífice, o cardeal Raymundo Damasceno Assis, e contou com a presença de cerca de 10 mil fiéis. Na manhã seguinte, 11 de dezembro, na Praça de São Pedro, no Vaticano, o papa falou da beatificação durante a oração do Angelus. “Ontem, em Barbacena, foi beatificada Isabel Cristina Mrad Campos”, iniciou Sua Santidade. “Esta jovem mulher foi morta em 1982 aos 20 anos de idade, em ódio à fé, por ter defendido sua dignidade como mulher e o valor da castidade. Que seu exemplo heroico inspire especialmente os jovens a darem testemunho generoso de sua fé e de sua adesão ao Evangelho. Um aplauso à nova Beata!”, concluiu.

Para Isabel Cristina o papa Francisco autorizou o decreto de “martírio”, não sendo necessário o reconhecimento de um milagre para o processo de beatificação.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Jovem e devota: Isabel Cristina viveu sua breve existência de acordo com os valores cristãos da espiritualidade vicentina



Relíquias sagradas: As imagens e objetos que pertenceram à beata se encontram expostos no memorial dedicado a ela em Barbacena, Minas Gerais

UMA GAROTA COMUM

Em seus 20 anos de existência, Isabel Cristina levou uma vida comum como as meninas de sua idade. Nascida em 29 de julho de 1962 - filha de José Mendes Campos e Helena Mrad Campos - em Barbacena, teve um único irmão e a família era católica e vicentina devota. O avô materno de Isabel Cristina, Hanna (João) Mrad, era um imigrante sírio que chegou ao Brasil no início do século passado e se instalou em Barbacena, onde viveu toda a sua vida. Casado duas vezes, teve 21 filhos, entre eles Helena, morta em 2019.

A menina foi batizada na matriz de Nossa Senhora da Piedade, crismada na Basílica de São José e fez a primeira comunhão na capela de Nossa Senhora das Graças. Era uma criança tímida e na adolescência gostava de música e de moda, vestindo-se com as roupas do momento, como jeans, e sem exageros. Frequentava a missa e acompanhava as atividades da paróquia, frequentando encontros e procissões. Entre as amigas era conhecida como “Risadinha”, por conta de sua alegria. Revelou ter um jeito todo especial com crianças, especialmente as mais necessitadas, a quem procurava ajudar como podia. Assim como

no cuidado com idosos.

Apesar de não ser membro declarado das Conferências Vicentinas - seu pai era presidente do Conselho Central de Barbacena - participava de diversas atividades do movimento, incluindo viagens pelas cidades próximas.

Durante cerca de quatro anos trabalhou como escriturária na empresa do pai, a JM Contabilidade. E teve um namorado, o Taquinho, a quem amava terna e profundamente, desde a infância. Como ele não era muito de igreja, ela e Taquinho encerraram o relacionamento em comum acordo, em 82, ano em que se mudou para Juiz de Fora e encontrou seu trágico destino.

Ao terminar o segundo grau no Colégio Imaculada Conceição, Isabel Cristina concentrou os esforços na preparação para realizar um sonho: cursar medicina. Assim mudou-se para Juiz de Fora em março de 1982. Não era aluna brilhante, mas gostava de estudar e se empenhava nas tarefas. A princípio dividiu um apartamento com uma prima e duas amigas, voltando a cada fim de semana ou a cada 15 dias para visitar os pais. Logo eles compraram um apartamento kitnet na cidade, onde ela foi morar com o irmão.

“Ao ser martirizada, a beata usava o anel terço com que sempre rezava e que, guardado por seu irmão”

O MARTÍRIO DA ESTUDANTE

Isabel Cristina frequentava o cursinho para medicina à noite e passava os dias sozinha, estudando, enquanto o irmão trabalhava. Estavam montando a casa e, por isso, compraram uma geladeira, um ferro elétrico e um armário. Este último precisava ser montado e tornou-se a causa do martírio da estudante.

Segundo seu irmão, o funcionário designado para o serviço esteve no apartamento pela primeira vez no dia 30 de agosto e já demonstrou um comportamento inadequado. Dirigiu-se à moça com palavras obscenas e não concluiu a montagem do móvel. Ela disse ter ficado com medo e rezou o tempo todo para que ele fosse embora.

Quando voltou, em 1º de setembro, por volta das 16h, para terminar o serviço, o homem partiu para a agressão. Golpeou Isabel com uma cadeirada na cabeça e, em seguida, a amarrou e amordaçou, rasgando sua roupa. Para abafar os ruídos, o assassino aumentou o volume do rádio e da TV. Ainda assim Isabel Cristina resistia. Exasperado, frustrado, ele lhe desferiu 15 facadas, nas costas e nos órgãos genitais. Na autópsia, a perícia médica constatou que a moça não sofreu violação sexual, permanecendo virgem.

Depois da liberação pelo IML, o corpo de Isabel foi levado para Barbacena e, no dia seguinte, houve a missa de corpo presente na Igreja de Santo Antônio. O enterro aconteceu no cemitério municipal, na ala da Paz, rodeada de túmulos de crianças, de quem ela tanto gostava. No jazigo de mármore branco, está uma placa de bronze com um trecho da carta que Isabel escreveu aos pais semanas antes de sua morte: “Espero que nós continuemos a nos amar mais e mais, a cada dia que passar. Assim construiremos o nosso pequenino mundo cheio de amor, paz e amizade”.

Ao ser martirizada, a beata usava o anel terço com que sempre rezava e que, guardado por seu irmão, tornou-se relíquia de santidade. Na missa de mês de Isabel, realizada em Juiz de Fora, o então arcebispo da cidade, Dom Juvenal Roriz, autorizou a coleta de dados, documentos e informações sobre a moça, que ele chamou de Maria Goretti do Brasil - em referência à garota italiana, martirizada e morta em 1902, tornada santa.

CONTRA O ÓDIO E A VINGANÇA

Durante as investigações sobre a morte de Isabel Cristina e o processo que se seguiu, seus pais e o irmão testemunharam em várias ocasiões. Apesar de toda a dor, jamais alimentaram ódio e vingança contra o assassino, rezando pela sua conversão. Através do padre Geraldo Cifani Pinheiro, de Juiz de Fora, teve início uma grande campanha de canonização da moça assassinada.



Santuário: Em dezembro passado, foi aberta em sua cidade natal a capela que recebeu os restos mortais de Isabel Cristina



Em 26 de janeiro de 2001, com a declaração do “nihil obstat”, foi aberto oficialmente o processo de beatificação de Isabel Cristina Mrad Campos e a Santa Sé lhe conferiu o título de “Serva de Deus”. Oito anos depois, o corpo foi exumado com os restos mortais transferidos para o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Barbacena. No dia em que a morte de Isabel completou 27 anos, em 2009, encerrou-se a fase arquidiocesana do processo, que foi entregue à Congregação para a Causa dos Santos. O postulador da causa é o Dr. Paolo Vilotta.

Finalmente, em 27 de outubro de 2020, o papa Francisco acolheu o parecer positivo da mesma congregação e autorizou a promulgação do decreto que reconhece o martírio de Isabel Cristina “in defensum castitatis” (em defesa da

castidade). No entanto, a cerimônia foi adiada devido à pandemia. No mesmo dia, Dom Airton José dos Santos celebrou missa de ação de graças pela beatificação de Isabel Cristina, no Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Os restos mortais da beata foram sepultados em uma capela a ela destinada, ao lado do santuário.

Quanto ao assassino de Isabel Cristina, ele foi preso, julgado e condenado a uma pena de 19 anos. Durante o processo criminal levantaram-se várias calúnias contra a honra da vítima - leviandades, visitas à motéis, gravidez indesejada e expulsão de casa - todas devidamente desmascaradas. O condenado foi conduzido ao presídio de Ribeirão das Neves, em Minas Gerais, de onde pouco tempo depois fugiu. Ele continua foragido até hoje. ■



Comitê de Cultura



Comitê Feminino



Comitê de Esportes



Ellos Blockchain

A plataforma do futuro, revolucionando o comércio internacional

Acesse o site e descubra o Ellos Blockchain Easy Trade

<https://conheca.ellos.org.br>



DIVERSIDADE E DEMOCRACIA

Em São Paulo, música, teatro, educação, esportes e gastronomia estão na pauta dos diretores culturais do Clube Atlético Monte Líbano. Associados de todas as idades têm a oportunidade de aproveitar o melhor dos valores e do conhecimento de sua comunidade

Fundado em 1934, Clube Atlético Monte Líbano é um dos mais tradicionais da capital paulista. O administrador de empresas Jorge Daher Daud Filho e o advogado Guilherme Bueno Malouf, diretores do departamento cultural da associação, falaram à Carta do Líbano sobre seu trabalho, que tem como foco principal a forte identidade cultural e os sólidos valores da comunidade formada pelos filhos da Terra dos Cedros e seus descendentes.

Carta do Líbano: Quais as principais atribuições e projetos da atual gestão?

Jorge Daher Daud Filho: O departamento cultural do clube promove e gerencia uma série de atividades culturais, tais como cinema, teatro, cursos, leitura, dança e música - voz e instrumental - oferecidas aos associados de todas as idades. Podemos dizer que a Cultura é das pastas mais democráticas da diretoria do clube, devido à diversidade de atividades e programação

e ao número de pessoas que alcança.

Guilherme Bueno Malouf: Por isso somos dois diretores culturais e contamos com a colaboração de cerca de 20 diretores adjuntos. São sócios do clube que dedicam parte de seu tempo à nossa pasta, em um trabalho sem qualquer remuneração. É uma maneira de devolver ao clube Monte Líbano aquilo que ele proporciona a seus sócios.

Carta do Líbano: Qual o destaque entre os projetos que a atual gestão pretende deixar como marco?

Jorge Daher Daud Filho: Entre projetos novos ou implantados há pouco tempo, podemos citar: o projeto Shukran, cujo objetivo é engajar o sócio em campanhas beneficentes de cunho social. Temos também o projeto de inovação e tecnologia, para levar aos sócios informações sobre os avanços da tecnologia e seus impactos na vida de todos nós, com grandes transformações em vários aspectos do cotidiano. Finalmente, o projeto "60 +", que propõe e gerencia atividades para os associados com mais de 60 anos, promovendo

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O advogado
Guilherme
Bueno Malouf:
"Contamos com a
colaboração de
diretores associados
voluntários"



O administrador
de empresas
Jorge Daher
Daud: Projetos
em tecnologia,
engajamento
social e para
associados
acima dos 60

encontros, excursões, visitas e, principalmente, maior convivência dentro do próprio clube.

Carta do Líbano: Em quais pontos a atual gestão dá continuidade ou segue o direcionamento de gestões prévias?

Guilherme Bueno Malouf: Um dos grandes motivos pelo qual o Clube Monte Líbano se tornou uma associação de destaque foi justamente o senso de continuidade presente em todas as nossas gestões, não ocorrendo qualquer momento de ruptura ou competição.

Jorge Daher Daud Filho: Assim como em outras áreas, nossos bons projetos são mantidos e aperfeiçoados, assim como o lançamento de outros sempre que possível e de acordo com a demanda.

Carta do Líbano: Como a direção inclui a herança histórica e cultural do povo libanês em sua programação e projetos?

Jorge Daher Daud Filho: A principal orientação é preservar nossa história, a história das famílias cujas raízes remontam ao Líbano e seu (nosso) povo. Assim, as festas, os restaurantes e as atividades culturais sempre têm como norte a manutenção da cultura libanesa. Por exemplo, contamos com três professores de língua árabe, com aulas presenciais e on-line visando atrair associados, em especial os mais jovens.

Guilherme Bueno Malouf: Oferecemos também um curso de Dança Oriental para as

“ A principal orientação é preservar nossa história, a história das famílias cujas raízes remontam ao Líbano e seu (nosso) povo ”

associadas, com os ritmos e as danças libanesas, que são vivenciados e resgatados. No grupo de Teatro Adulto, por vezes, temos como tema aspectos diretamente ligados à cultura libanesa. Recentemente foi encenada “A Matriarca”, peça escrita por um de nossos associados, com um elenco de 20 pessoas. A trama fala da dinâmica de uma típica família libanesa, sempre em torno da mesa e suas delícias, liderada pela figura da Mãe. Foi um sucesso de público, com cerca de 2.000 espectadores.

Jorge Daher Daud Filho: Na gastronomia, temos os tradicionais “Jantar de Sede”, às quintas-feiras, e “Almoço da Sede”, aos domingos, com cardápio da culinária libanesa, sob o comando de um chef libanês. Promovemos também alguns jantares especiais com a participação de expoentes da música libanesa. Nossa revista interna (CHUF) costuma trazer em suas capas personalidades de destaque na colônia. Os espaços do clube receberam nomes em árabe, como os restaurantes Byblos, Ayuni e Jounieh, os salões Cedros e Phoencia e o Espaço Jeita de massagem. Contudo, o principal elemento da preservação da cultura é o convívio entre as famílias, com origens e valores semelhantes. É nesse convívio que exemplos são criados, valores são transmitidos e solidificados entre os associados.

Carta do Líbano: Como atrair os mais jovens para as manifestações culturais?

Guilherme Bueno Malouf: Uma de nossas pastas é a da “Primeira Infância”, promovendo atividades culturais para crianças, como a Musicalização Infantil, para bebês a partir de 6 meses. Além do teatro infantil, aulas de música, o Show da Casa, curso de língua árabe para crianças, entre outras atividades. Assim como todos os esportes praticados no clube.

Carta do Líbano: Qual o traço mais marcante da cultura libanesa?

Jorge Daher Daud Filho: São vários. A resiliência, a capacidade de adaptação, o espírito de família e o respeito aos mais velhos. E principalmente, a nossa maravilhosa culinária! ■



Visão geral das instalações do Clube Atlético Monte Líbano, um dos mais tradicionais de São Paulo

O departamento cultural do clube promove e gerencia uma série de atividades culturais, tais como cinema, teatro, cursos, leitura, dança e música

OSMAR CHOEFI

“QUEREMOS LEVAR EMPRESAS BRASILEIRAS PARA CONHECER NOVOS MERCADOS”

Tecnologia de alta performance, descomplicação no ambiente de negócios, cultura ancestral e a lucrativa produção halal. Foco e determinação no segundo mandato de Osmar Chohfi como presidente da Câmara do Comércio Árabe-Brasileira

Diplomata brasileiro de origem síria, Osmar Chohfi iniciou este ano o segundo biênio como presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. Em depoimento exclusivo para Carta do Líbano, ele falou dos principais desafios e realizações de sua gestão anterior e conta os próximos passos, que incluem operações estratégicas para aprimorar e dinamizar os negócios bilaterais e o intercâmbio cultural entre o Brasil, o mundo árabe e além. Entre os projetos, ele destaca um ambicioso projeto para inserir empresas brasileiras no trilionário mercado global do comércio halal, que colocará o Brasil em contato comercial direto com os 57 países islâmicos do planeta.

NA AVENIDA DO COMÉRCIO EXTERIOR

“Esses dois anos foram uma experiência tanto de desafios quanto de realizações. Desafios porque começamos, há algum tempo, mesmo antes da minha gestão, um grande processo de modernização tecnológica. Trata-se de uma mudança estratégica no modelo de negócios da Câmara. Criamos e estamos patenteando uma plataforma tecnológica chamada Ellos, que inclui um sistema de blockchain, uma ferramenta que permite uma enorme facilitação no comércio. Porque tudo que é feito de maneira física e presencialmente, ou através de papéis, se transforma na incorporação incremental em uma espécie de avenida da informação do comércio exterior.”

(Na definição da IBM, o sistema Blockchain pode ser compartilhado para registrar transações, controlar ativos e aumentar a confiança em uma rede de negócios)

FOTO: DIVULGAÇÃO



DA JORDÂNIA AO EGITO

“A Câmara decidiu enfrentar esse desafio e transformar aquilo em que ela já trabalhava, no sentido de facilitação do comércio e da certificação dos fluxos comerciais, em algo bastante moderno, um desenvolvimento indispensável. Essa nova plataforma foi, é e continuará sendo um desafio, por necessitar de uma atualização constante. Já estamos trabalhando nesse novo sistema com a alfândega da Jordânia e, em breve, iniciaremos o processo com a alfândega do Egito. Mais adiante vamos incorporar outros países árabes. O sistema apresenta diversas vantagens. A primeira delas é a economia de tempo. Aquilo que levaria três ou quatro semanas para chegar às mãos do importador agora leva minutos ou, no máximo, duas horas. Órgãos do governo brasileiro estão sendo convidados a participar desse processo, sobretudo aqueles envolvidos na tramitação de importações e exportações. O projeto demandou e vai demandar muito investimento e dará uma nova feição à Câmara.”

PARTE DO GRANDE HUB LOGÍSTICO

“Quanto às realizações, tem sido muito importante a consolidação da nossa presença internacional. Há mais de três anos temos um escritório de representação em Dubai e, há pouco mais de um ano, abrimos um escritório no Cairo. Situam-se em dois mercados de grande importância, inclusive por sua projeção regional. Dubai é hoje um dos principais centros do comércio internacional, do setor financeiro e de redistribuição nos países árabes, além de ser um grande hub logístico, com projeção para o centro e

“ Há mais de três anos temos um escritório de representação em Dubai e, há pouco mais de um ano, abrimos um escritório no Cairo ”

o sul da Ásia e para o extremo oriente. Em 2022 os Emirados Árabes Unidos foram o principal parceiro comercial do Brasil na região, movimentando cerca de 5 bilhões de dólares em comércio bilateral.

Quanto ao Cairo, o Egito é um grande mercado para os produtos brasileiros e importante centro econômico do mundo árabe, com projeção para a África Subsariana e a África do Norte”.

SEM ESQUECER O REGIONAL

“Além da internacionalização, os últimos dois anos também foram um período fundamental para a nossa regionalização no Brasil. Além da sede em São Paulo, temos o escritório em Itajaí, de representação em Santa Catarina, por onde tramita grande parte da exportação brasileira de proteína animal para o mundo árabe. Há um ano abrimos o escritório em Brasília para maior proximidade com as órgãos do Governo Federal e também com as Embaixadas Árabes, com os quais temos de manter uma coordenação e um diálogo permanente. Além disso, Brasília é hoje um centro econômico de destaque no Centro Oeste, com projeção para o Norte do País.”

INTELIGÊNCIA DE MERCADO

“Do ponto de vista interno, uma grande realização foi a reformulação da nossa estrutura, reforçando o que antigamente chamávamos de setor comercial, hoje setor de novos negócios. Reforçamos também o departamento de marketing e comunicação, promovendo uma sistema de interação muito fluída entre os dois setores, que devem trabalhar em conjunto. O setor de inteligência de mercado pesquisa como operar em mercados diferentes, o que exportar e importar, algo fundamental para os novos negócios. Aprimoramos as relações institucionais, fomentando nosso diálogo com os Governos Federal, Estaduais e Municipais e com as diversas instituições estratégicas para a atuação da Câmara, como as associações setoriais.”

A IMPORTÂNCIA ANCESTRAL

“Na vertente cultural, damos continuidade a um projeto que aprecio muito que é a recuperação

“ O setor de inteligência de mercado pesquisa como operar em mercados diferentes, o que exportar e importar ”

da memória da imigração síria, libanesa e árabe em geral no Brasil. Há um acordo em vigor entre a Câmara de Comércio Árabe- Brasileira e a Université de Saint-Esprit de Kaslik, no Líbano. Fazemos o trabalho de busca e identificação de documentos, jornais, fotos de família etc, digitalizamos esse material e encaminhamos para um banco de dados da universidade, que conta com um departamento latino-americano que realiza a recuperação da história dessa imigração em todo o continente. Mais de 120 mil imagens já foram digitalizadas, no setor específico que criamos na Câmara, e enviadas a esse banco de dados que será aberto para a consulta pública. Com esse trabalho procuramos contar como a imigração se iniciou, prosperou e se integrou na sociedade brasileira.”

ÁRABES LATINOS

“Ao mesmo tempo, concertamos uma cooperação com a Unesco para o projeto ‘Arab Latinos’, a fim de identificar a participação dos intelectuais latino- americanos de origem árabe nas culturas de seus respectivos países. Todos os países latino-americanos possuem grandes intelectuais de origem árabe. A primeira reunião desse projeto aconteceu há um ano aqui na Câmara, com o objetivo de criar um inventário dessa influência cultural que está presente na música, pintura, artes plásticas e literatura latino-americanas.”

O FATOR HALAL

“Há um ponto ao qual quero dar ênfase. É a assinatura do acordo com a APEX, a Agência de Promoção de Exportações do Governo Brasileiro,

sobre o tema halal. Chamado de “Projeto Halal do Brasil”, é um dos mais estruturantes promovidos pela Câmara do Comércio Árabe-Brasileira. Trará informações substantivas para capacitar os exportadores brasileiros para um acesso mais eficiente ao mercado de produtos halal (*palavra árabe que significa “lícito” e “permitido” que vai da agroindústria até a produção de medicamentos e cosméticos*), que movimenta anualmente trilhões de dólares nos 57 países islâmicos. O projeto já está em curso. Acabamos de organizar uma missão ao Estado de Minas Gerais, onde realizamos em Uberaba, Pouso Alegre e Belo Horizonte, seminários para empresas mineiras interessadas em exportar para o mundo árabe e islâmico. Realizaremos encontros proximamente nos Estados do Paraná e do Pará. Para supervisionar esse projeto criamos o Comitê Halal, onde praticamente estão presentes todas as entidades certificadoras. Estão previstas missões na África do Sul, Malásia e Indonésia (a maior nação islâmica do mundo) levando empresas brasileiras para conhecer esses mercados. No final do ano, teremos um grande evento em São Paulo, o Global Halal Brazil - Business Forum. Trata-se de um grande encontro de que participarão especialistas, importadores, exportadores, entidades empresariais e governamentais com o objetivo de identificar e promover as diferentes oportunidades que se apresentam no mercado halal.

Para finalizar, quero ressaltar o fato de que o intercâmbio Brasil e países árabes atingiu, em 2022, o expressivo montante de cerca de US\$ 33 bilhões, 5,3% do comércio exterior brasileiro, o que os torna parceiros muito relevantes para o Brasil. ■

“ O intercâmbio Brasil e países árabes atingiu, em 2022, o expressivo montante de cerca de US\$ 33 bilhões ”

BASÍLIO CHEDID JAFET

“NOSSO MAIOR CAPITAL É O SER HUMANO”

Há quase duas décadas como diretor do centenário grupo econômico fundado por sua família, Basílio Chedid Jafet tem vida e trajetória profissional ligadas à comunidade libanesa e à história de São Paulo

O desenvolvimento e a industrialização da maior metrópole brasileira estão estreitamente ligadas à trajetória de um sobrenome árabe: Jafet. Desde que seus primeiros integrantes chegaram ao Brasil, vindos do Líbano, ainda em 1887, a família trabalhou com afinco e fez a diferença em São Paulo. Os Jafet dedicaram-se à indústria têxtil, mineração, siderurgia, finanças e até navegação. Finalmente, concentraram-se na mineração de ferro e no mercado imobiliário. Aos 65 anos, o paulistano Basílio Chedid Jafet é parte viva dessa história. Formado em engenharia civil pela Escola Politécnica da USP, com especialização em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, ele trabalhou por 25 anos no mercado imobiliário, onde continua operando, e há 18 é diretor do centenário Grupo Jafet. Com uma bagagem rica em conhecimento e história, ele falou com exclusividade

à Carta do Líbano sobre suas experiências, empreendedorismo, o atual momento brasileiro e as perspectivas para o futuro. E declara com convicção: “Ao longo do tempo, investimos em acolhimento, saúde, lazer, cultura, capacitação humana, habitação, espaços para escritórios e comércio. Há muito tempo sabemos que o maior capital é o ser humano”.

CARTA DO LÍBANO: Atualmente, o senhor é um dos comandantes de um dos mais importantes grupos empresariais brasileiros. Como começou e qual foi sua trajetória?

BASÍLIO JAFET: Durante 25 anos, atuei no mercado imobiliário, incorporando e construindo por meio da Evolução Incorporadora, juntamente com meu irmão Nelson. Fizemos mais de 6 mil unidades residenciais e comerciais. Muito antes dos programas habitacionais de hoje, fomos pioneiros na produção de moradias populares, buscando atender às famílias de baixa renda. Há 18 anos sou diretor das empresas do Grupo Jafet, fundado em 1908. Represento

FOTOS: SECOVI

Administrador de empresas e diretor do centenário Grupo Jafet, Basílio Chedid Jafet: “Fomos pioneiros na construção de casas populares”



a quarta geração na condução dos negócios. Nossas operações estão concentradas nas áreas de mineração de ferro e mercado imobiliário. Somos 50 acionistas, todos primos, representando 100% do capital. Meu maior objetivo é dar continuidade aos bons princípios que balizam sua atuação desde a fundação. Meu primo Flávio Jafet, presidente das empresas, e eu seguimos a tradição familiar, sempre pautada pela ética, pela honra e pelo compromisso integral com a palavra dada. Também seguimos de forma obstinada outras características da família no cuidado com as pessoas. Coisa que vêm lá de trás, quando nossos patriarcas acolhiam imigrantes libaneses, apoiando-os no processo de adaptação à cultura local, com oportunidades de emprego e abrindo caminho para que pudessem empreender. Nossa família possui hoje mais de 1000 membros. Mais que o DNA, o que temos em comum é o que aprendemos com nossos antepassados: a valorização da honra e da ética.

CARTA: Falando em desenvolvimento imobiliário, não podemos deixar de falar do Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo, o Secovi-SP, instituição que o senhor presidiu.
JAFET: O Secovi-SP representa o setor imobiliário desde 1946, e tive o privilégio de presidi-lo entre 2019 e 2022, depois de ter desempenhado várias funções como diretor e vice-presidente. Mais do que um ponto de networking, onde a troca de ideias é extremamente produtiva e enriquecedora, o Secovi-SP é palco da excelência do conhecimento do mercado. É o lugar para quem busca informações e orientações confiáveis,

“ Nossa família possui mais de 1000 membros. Mais que o DNA, o que temos em comum é o que aprendemos com nossos antepassados ”

diretrizes seguras. É a casa da ciência imobiliária. É o ambiente propício para que empresas, concorrentes no mercado, abram mão de objetivos próprios para pensar no interesse coletivo, naquilo que é melhor para todos, priorizando os clientes, os cidadãos. Participar e operar na entidade, permitiu e continua permitindo conexões importantes e visão integrada de contextos, o que é fundamental para estratégias empresariais, para o direcionamento dos negócios. Além disso, estar no Secovi-SP é influenciar destinos. Conseguimos encaminhar aos poderes constituídos diversas legislações e programas de habitação que beneficiaram diretamente a sociedade. E há vários exemplos de medidas que convergiram com os objetivos da inclusão social. Outra coisa curiosa na instituição é o senso de pertencimento e permanência. Sabemos que estamos voluntariamente trabalhando por algo muito maior, pelo crescimento econômico e social, pelos empregos e pelas famílias. Esse é o espírito e, certamente, o que justifica o fato de os ex-presidentes continuarem ativos na entidade. Eu mesmo estou agora Vice-presidente de Relações Institucionais. Há em todos nós um compromisso poderoso: o compromisso com o bem comum.

CARTA: Como foi assumir uma empresa familiar e continuar uma tradição? Quais as diferenças entre a gestão anterior e a sua e como foi fazer a transição?

JAFET: Para ser bem sincero, quando se nasce em uma família que tem o empreendedorismo na veia, é difícil perceber um processo de transição. Crescemos num ambiente em que a formação de valores foi naturalmente incorporada ao longo do tempo. É claro que cada gestão é uma gestão. Trazemos nosso olhar, nosso estilo. Respeitamos o jeito de fazer negócios característicos da família, como o respeito à palavra dada. Ao mesmo tempo, priorizando as tradições, a atualização e a inovação. Porém, naqueles valores mais sólidos, o que prevalece é a continuidade e o aprimoramento. As diferenças ocorrem nas medidas adotadas com vistas à modernização das empresas do grupo, em todos os seus aspectos: processos, procedimentos, governança. Sem deixar de preservar a relação com os colaboradores. Buscamos manter saudável proximidade com nossas equipes, mantendo-os bem-informados, claramente orientados. Isso gera

engajamento e efeitos positivos para todos. Temos funcionários com 50 anos de empresa. Muitos filhos de colaboradores seguiram os passos de seus pais e estão no grupo. É desafiador trabalhar com essa característica, ainda mais em um ambiente comercial e industrial onde os resultados são mais importantes que as pessoas. Não somos assim. Em nossa organização, o que mais vale é o capital humano.

CARTA: O senhor é um empreendedor nato. Considera-se um self-made man, aquela pessoa que se realiza?

JAFET: Considero o conceito self-made man de uma forma relativa. O esforço próprio é, sem dúvida, o principal caminho para realizações, é premissa da meritocracia. E isso em todos os aspectos da vida. Devemos nos esforçar não só no trabalho, mas como seres sociais na família, na sociedade, na educação, no cuidado com a saúde. Tudo isso faz parte. Mas acredito também que nada se faz sozinho. Em sua trajetória, a maioria das pessoas bem-sucedidas contou com o apoio de outras pessoas, de forma estrutural ou inspiracional. Isso não subtrai a nobreza de quem, com determinação, coragem, ética e responsabilidade, vai lá e faz acontecer. O ponto central reside na sabedoria de observar, ouvir, ponderar e decidir.

CARTA: Quais as dicas para quem está se lançando na mesma empreitada?

JAFET: Quando penso em como orientar uma pessoa que deseja empreender ou mesmo iniciar uma jornada na prestação de serviços, a primeira coisa que me vem à mente é o comportamento moral. O que remete naturalmente às virtudes cardeais que nos foram legadas por Platão, filósofo grego do século 4 a.C. Ele pontuou quatro virtudes: a sabedoria ou prudência, pois é assim que as decisões tomadas são sensatas, posto que resultantes da habilidade de identificar, diferenciar e escolher entre o certo e o errado. Para o filósofo, só se pode ser verdadeiramente virtuoso por meio da razão. Depois a coragem. Para enfrentar medos, dúvidas, desafios. À época, essas características se aplicavam claramente aos soldados, aos campos de batalha. Mas se considerarmos as lutas que enfrentamos para empreender e empregar no Brasil, diante de tantas incertezas, por certo essa virtude veste como uma

“ O esforço próprio é o principal caminho para realizações, é premissa da meritocracia. E isso em todos os aspectos da vida ”

luva. Em terceiro, a moderação. O autocontrole, o domínio de si próprio são indispensáveis. Só assim alcançamos a sobriedade necessária às decisões, ao trato com as pessoas. E finalmente, a justiça, que é o princípio que unifica as três virtudes anteriores. Uma pessoa justa e razoável nas decisões que toma e, principalmente, na forma como interage com as pessoas, é sempre construtiva, confiável. Inspira atitudes. Molda costumes. Acredito que a grande ciência do bem viver e do bem servir ao próximo reside na harmonização dessas quatro virtudes. A quem deseja prosperar, o meu conselho é investir nesse círculo. Seja qual for o ramo de atividade, valorize e agradeça aos conselhos e mesmo às circunstâncias difíceis, pois é nelas que mora o aprendizado.

CARTA: Em uma economia globalizada e altamente competitiva, o que faz a diferença e colabora com o sucesso?

JAFET: O processo de globalização ensinou e continua a ensinar conceitos e práticas relevantes. Dentre eles, destaca-se a obrigação de compreender culturas, valores e desejos do cliente de forma muito mais abrangente, haja visto que esses mesmos princípios se aplicam à economia doméstica. Para bem competir é preciso ter produto, qualidade, prazo e preço certos, além de perfeito diagnóstico das expectativas do público-alvo. Também é fundamental ter plena atenção às oscilações econômicas mundiais, antecipar fatos e planejar. Exagerando, é entender que o bater de asas de uma borboleta no Oriente pode provocar um furacão no Ocidente. Considero que capacitação e visão formam o binômio decisivo para o sucesso. E, claro, saber escolher e formar boas parcerias. É por meio delas que as fronteiras são

vencidas. E onde mora a capacitação? Ela depende da construção do conhecimento. Hoje, a informação está à disposição. Com um clique, tudo se acha. A questão é a partir dela construir o conhecimento, organizar as ideias para melhor contextualização de estratégias e definição de ações focadas naquilo que você mais acredita e deseja. Nós vivemos num mundo extremamente complexo. A cada ano, o conhecimento humano dobra. O grande desafio é conseguir transformar isso em progresso, em atuação cada vez melhor das empresas, em sucesso, sabendo-se que as premissas mudaram e muito.

CARTA: Que mudanças foram essas?

JAFET: No século 20, o grande objetivo das empresas era produzir dividendos e gerar valor para os seus acionistas. Este era o mantra. Hoje é bem diferente. Ingressamos numa nova era, em que a meta é ter sucesso e resultados financeiros nas empresas criando valor para a sociedade. O mantra atual responde por ESG: cuidar do meio ambiente (E), das pessoas (S) e da governança (G). Sob essa ótica, a ordenação do conhecimento remete a uma visão empresarial totalmente diferente da visão restrita do século 20. É produzir para todos, com foco no coletivo, com atenção aos stakeholders.

CARTA: Mesmo que estejamos falando em empreender em um país como o Brasil?

JAFET: Costuma-se dizer, e concordo com isso, que o Brasil não é para amadores. Se pensarmos bem, teríamos tudo para estar entre as cinco primeiras economias do planeta. Temos território, solo fértil, riquezas florestais, hídricas, minerais, um fortíssimo agribusiness, mais de 215 milhões de habitantes e com boa parcela da população ainda na faixa produtiva. Temos uma democracia consolidada, instituições fortes, Judiciário respeitado, imprensa livre e liberdade de opinião. Esse conjunto de fatores compõe um poderoso cardápio de vantagens de se empreender numa terra em que, aliás, há muito ainda para se construir. Precisamos de infraestrutura, de moradias, pois o déficit habitacional supera as 7 milhões de unidades, de equipamentos urbanos e de ampla gama de serviços para atender à demanda dos brasileiros. Ou seja, um universo de oportunidades. Então, o que atrapalha o sucesso do País? Seleciono dois pontos primordiais: legislação inadequada

“Desde que veio para o Brasil, em 1887, a família Jafet só fez trabalhar e ousar. Foi pioneira na industrialização da cidade”

ao empreendedorismo e ao desenvolvimento, e insegurança jurídica, a qual compromete o ambiente de negócios, traz imprevisibilidade, afasta o investimento. A Constituição de qualquer nação não pode ser relativizada. Quando isso acontece, o chão se abre sob os pés. Uma lei em vigor, legalmente aprovada, não deve ter sua aplicação questionada. Uma nova lei não pode retroagir. Os contratos têm de ser respeitados. São premissas que a sociedade deve defender para pavimentar caminhos. Sem isso, a única certeza é a dúvida. É claro que instabilidade política e econômica também são fatores ponderáveis na confiança maior ou menor do empreendedor. Elas adicionam aos riscos naturais de mercado grande intranquilidade e crise de confiança.

CARTA: Qual é a importância de suas origens libanesas na vida e na carreira? Qual o legado e o aprendizado deixados por seus antepassados?

JAFET: De meus antepassados herdei tudo. O que sou, como sou, o que faço, claro, com meu jeito próprio, mas tudo tem a ver com minha família, porque o que mais permanece são aqueles valores já mencionados. Sempre achei importante conhecer a história para entender o presente e projetar o futuro. Desde que veio para o Brasil, em 1887, a família Jafet só fez trabalhar e ousar. Foi pioneira na industrialização da cidade de São Paulo. Pluralizou suas atividades, abrangendo áreas como indústria têxtil, mineração, siderurgia, serviços financeiros, navegação e mercado imobiliário. Focou nas necessidades das pessoas em termos de acolhimento, saúde, lazer, cultura, capacitação humana, habitação, espaços para escritórios e comércio. Observou a totalidade para captar oportunidades. Desde que me

entendo por gente, estou mergulhado nesse universo de trabalho e empreendedorismo. Um universo em que a palavra medo nunca teve lugar. Foi assim que a família Jafet sempre trabalhou e é assim que eu trabalho. Considero que o mundo dos negócios, em cada movimento, exige clareza de propósitos, planejamento, engajamento, seriedade, transparência e atitude honrada e ética. Respeito à palavra, aos contratos, aos parceiros, aos clientes e à sociedade. Onde a dignidade é palavra de ordem, tudo tem chance de prosperar.

CARTA: Quais são seus próximos projetos? E planos?

JAFET: Tudo que não se move atrofia. Assim, a modernização das empresas do Grupo Jafet é um processo contínuo, pois é preciso dar conta de um cenário cada vez mais desafiador. Estamos sempre atentos e elaborando novos negócios e parcerias com empresas de primeiríssima linha no Brasil e no exterior, nos campos de mineração de ferro e mercado imobiliário. A demanda anual de aço continua crescente e existem excelentes oportunidades no setor. Mas este é um segmento complexo, altamente regulado, que exige um grau de profissionalismo muito grande. Não há tempo para pausas. É dedicação permanente. Em relação ao mercado de imóveis, acredito que as propriedades imobiliárias, no longo prazo, representam possibilidade de crescimento. É dos melhores investimentos, com consistente valorização do patrimônio. Como nosso grupo é familiar, e visa também as próximas gerações, temos por objetivo aumentar o portfólio imobiliário. Estamos trabalhando muito para isso, pois é caminho para transmitir segurança e valor aos que virão.

CARTA: Falando nos que virão, como o senhor vê o futuro nestes tempos conturbados?

JAFET: Estamos num momento de grande inflexão. Ainda vencendo uma pandemia e sofrendo os efeitos da disrupção das cadeias logísticas no mundo todo. Isso trouxe desabastecimento, inflação como não se via há 40 anos, uma enorme e rápida alta nas taxas de juros em todo o planeta. E, não bastassem as dificuldades, veio ainda algo que julgávamos superado: uma guerra para conquista de território em pleno século 21. Os efeitos disso são

“A modernização do Grupo Jafet é um processo contínuo e desafiador”



doloridos, tanto no que se refere às perdas de entes queridos, quanto no que diz respeito ao aumento do desemprego e do número de miseráveis no mundo. No Brasil, além desses mesmos efeitos, temos ainda as incertezas geradas por um período eleitoral extremamente conturbado, pautado por radicalismos e pela ausência de propostas alinhadas às aspirações dos brasileiros. Não existe uma agenda programática a se sobrepor a discussões inócuas, que só acirram ânimos e agudizam desnecessária polarização. Confio, todavia, que o Brasil é maior. Que quem faz a nação somos nós, brasileiros. De forma consciente e responsável, e dentro do mais absoluto espírito cívico e democrático, cabe aos cidadãos determinarem seu destino. Não importa quem seja o dirigente, ele terá de ouvir nossos anseios e agir de acordo com o que, coletivamente, desejamos para o País. O futuro está em nossas mãos. ■

DIA SÃO MARON



No altar da igreja Nossa Senhora do Líbano: Dom Edgard Madi, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, e a primeira-dama Regina Nunes

RITO MARONITA REÚNE RELIGIOSOS, POLÍTICOS E EMPRESÁRIOS

O prefeito Ricardo Nunes e outras personalidades políticas marcaram presença durante a missa de São Maron, na Igreja Maronita, em São Paulo



Dom Georges Khoury, dom Damaskinos Mansour, o cardeal Odilo Scherer, o prefeito Ricardo Nunes, dom Edgard Madi e dom Severios Malki

Coube a dom Edgard Madi e a dom Maroun Ammar, bispo maronita de Sidon, Líbano, em visita a São Paulo, a celebração da missa solene em devoção a São Maron, no último dia 6 de março. A cerimônia aconteceu na Igreja Maronita que leva o nome do santo, na zona central da capital paulista.

O evento contou com a presença dos religiosos, dom Damaskinos Mansour, arcebispo metropolitano ortodoxo; dom Severios Malki, bispo da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil; sheik Mohamed Sadel al-Ibrahini, clérigo xiita; e sheik Ali al-Khatib, clérigo sunita. Assim como a de personalidades da política. Entre eles, o prefeito Ricardo Nunes, Gilberto Kassab, secretário de Governo e Relações Institucionais - representando o governador Tarcísio de Freitas.

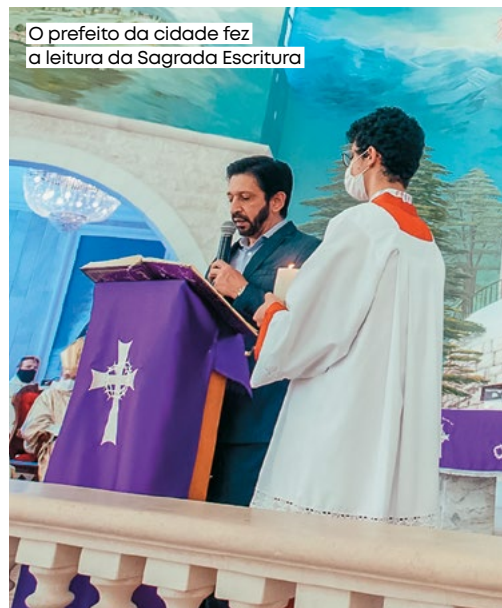
FOTOS: PREFEITURA SP



Dom Edgard Madi entre Antonio Chahin, presidente da Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras, e Gilberto Kassab, secretário do Governo e das Relações Institucionais do Estado de São Paulo



O prefeito Ricardo Nunes no momento da Comunhão



O prefeito da cidade fez a leitura da Sagrada Escritura



A primeira-dama Regina Nunes cumprimenta dom Damaskinos Mansour



Ricardo Nunes com a vereadora Sandra Tadeu



Prefeito e primeira-dama recebem miniatura e relíquias de dom Edgard Madi



Imagem de São Maron, criador da Igreja Maronita no século 5

A HERANÇA DE SÃO MARÓN E A SAGA MARONITA

A Igreja Maronita, uma das maiores do Oriente, tem destaque especial no Líbano moderno. Em comunhão canônica com a Igreja Católica Apostólica Romana, é a única igreja de rito oriental sem contrapartida fora dessa união. Os maronitas têm suas origens na figura de São Maron, ou Maro (do árabe Mārūn), eremita sírio do final do século 4 e início do século 5, e de São João Maron, ou Joannes Maro (do árabe Yūhannā Mārūn), patriarca de Antioquia entre 685 e 707. Sob a liderança deste último, os exércitos bizantinos invasores, de Justiniano 2º, foram derrotados em 684, tornando os maronitas independentes.

Algumas fontes históricas sugerem que os maronitas já foram monotelitas, seguidores de uma doutrina heterodoxa que afirmava que havia uma natureza divina, mas não humana, em Cristo e considerada heresia pelo Cristianismo. No entanto, os maronitas afirmam sempre terem sido cristãos ortodoxos em união com a sé romana.

Na verdade, a história dos maronitas permanece obscura até o período das Cruzadas, quando era uma comunidade isolada sem contato com Roma. Segundo o bispo medieval Guilherme de Tiro, o patriarca maronita buscou a união com o patriarca latino de Antioquia em 1182. Porém, a consolidação

definitiva da união só ocorreu no século 16, em grande parte por obra do jesuíta João Eliano. Em 1584, o papa Gregório 13 fundou o Colégio Maronita em Roma, que floresceu sob a administração jesuíta no século 20 e se tornou um centro de formação de estudiosos e líderes.

Hábéis montanhistas e nas artes marciais, os maronitas defenderam com bravura sua liberdade de religião e costumes. O califado muçulmano (632-1258) não conseguiu absorvê-los, e dois califas da dinastia omíada (661-750) os homenagearam. Durante o domínio turco otomano, os maronitas mantiveram sua fé sob a proteção da França e principalmente devido ao isolamento geográfico.

Já no século 19, o governo otomano incitou os drusos, etnia vizinha das montanhas libanesas, contra os maronitas em uma política que culminou no grande massacre de 1860. Como resultado, os maronitas conquistaram uma autonomia formal dentro do Império Otomano sob um governante cristão não nativo. Em 1920, depois do final do jugo otomano, os maronitas do Líbano tornaram-se autônomos sob proteção francesa. Desde o estabelecimento de um Líbano totalmente independente em 1943, eles constituem um dos principais grupos religiosos do país. O governo é dirigido por uma coalizão de partidos cristãos, muçulmanos e drusos, mas o presidente é sempre maronita.

O chefe espiritual imediato da igreja maronita depois do papa é o “patriarca de Antioquia e de todo o Oriente”, residente em Bkirki, perto de Beirute. A igreja mantém a antiga liturgia síria ocidental, muitas vezes celebrada em siríaco, embora a língua vernácula dos modernos maronitas seja o árabe. O contato com Roma tem sido próximo e cordial, mas foi somente depois do 2º Concílio do Vaticano que os maronitas se livraram dos esforços papais para latinizar seu rito. Jesuítas franceses dirigiam a Universidade de St. Joseph, em Beirute.

Maronitas também são encontrados no sul da Europa e nas Américas do Norte e do Sul, tendo participado das correntes migratórias sob a pressão da instabilidade econômica e dos conflitos armados desde o final do século 19. Os emigrados mantêm a sua própria liturgia e têm o seu próprio clero, permitindo o casamento de seus ministros, que constituem famílias. ■

PATRIMÔNIO RELIGIOSO



No altar da Igreja São Jorge: Nouri Haddad, Antonio Neaime, padre Paulo Lemos, René Wakil, dom Damaskinos Mansour, padre Rafael, Bassan Elias e Salvador Dohir



O hipodícono Georges Jenner, dom Damaskinos abençoando o padre Paulo Lemos, Antonio Lima e padre Rafael Magul

O RETORNO DE UM TEMPLO EMBLEMÁTICO

Mais de uma grande reforma, a igreja São Jorge de Belo Horizonte é reaberta aos fiéis com a bênção do arcebispo dom Damaskinos Mansour. Uma celebração de fé e também da história e da cultura em Belo Horizonte

Marco arquitetônico e religioso da capital mineira, a igreja ortodoxa antioquina São Jorge de Belo Horizonte passou por um grande processo de reforma e restauro, oficialmente reaberta no fim de semana de 11 e 12 de fevereiro último. Coube ao arcebispo dom Damaskinos Mansour a cerimônia da bênção do templo fundado em 1934 pela comunidade ortodoxa da cidade.

Dom Damaskinos também celebrou a santa missa na manhã do domingo, concelebrada pelos padres Rafael e Paulo Lemos - novo sacerdote ordenado pelo arcebispo para servir a comunidade ortodoxa belo-horizontina. A cerimônia contou também com o coral da Catedral Ortodoxa de São Paulo e as presenças de Antonio Neaime, presidente do Conselho Ortodoxo de São Paulo, e dos conselheiros Salvador Dohir, Nuri Haddad e Bassan Elias.

A história da igreja Ortodoxa São Jorge faz



Leitura do padre Rafael Magul

FOTOS: PE. RAFAEL MAGUL



A histórica fachada restaurada da igreja São Jorge, em Belo Horizonte



Antônio Lima e Salvador Dohir



Netalya Azara com o padre Rafael Magul



Os fiéis lotaram a santa missa de reabertura do tradicional templo de BH



Padre Rafael Magul, Mariana Abraão e padre Paulo Lemos

parte do legado da comunidade síria e libanesa, estabelecida na capital mineira a partir de 1910, que sentia a necessidade de um espaço para sua prática religiosa. Em 26 de abril de 2006, ano em que completou 82 anos, o templo foi tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município, classificado como significativo exemplar da arquitetura eclética e importante registro da história e da cultura da cidade.

Construído em estilo predominantemente neoclássico, o edifício apresenta uma profusão de relevos geométricos, executados em massa, na fachada principal e na platibanda - parte superior da fachada que oculta a cobertura - acompanhando as tonalidades e os gostos estéticos do período. Há uma torre única marcando o eixo de simetria da edificação, bem como evidencia uma escultura central em relevo. No recuo da fachada, existem dois vãos ladeados por pilastras de capitel estilizado.

A arquitetura interior conta com cimbalhas e relevos em massa, pilastras embutidas e pinturas



O casal Suamir Chamone e senhora



Sula Mavrudis e Antonio Neaime



O empresário René Wakil



Netalya Azar e Bassam Elias

diversas; entre elas, um painel com a imagem dos doze apóstolos. Uma pintura da Santa Ceia se destaca sobre o altar. O coro, com acesso em escada caracol de madeira escura, conduz ao mezanino. Nas fachadas laterais, uma sequência de vãos alongados, de vergas também curvas, proporcionam iluminação natural ao interior - detalhe representativo da arquitetura do período que fazia referência à modernidade e aos tempos da Nova República.

A reforma da igreja São Jorge aconteceu graças a doações de membros da comunidade ortodoxa de Goiânia e de Belo Horizonte, com coordenação do padre Rafael Magul, pároco da Igreja São Nicolau de Goiânia.

Na missa dominical, antes da santa comunhão, dom Damaskinos dirigiu-se aos fiéis que lotaram o templo. Falou da “Parábola do Filho Pródigo”, a qual chamou de “Parábola do Pai Amoroso”, e conclamou a todos para retornarem à igreja, tal qual o filho pródigo retornou à casa paterna.

Por fim, dom Damaskinos agradeceu a participação de todos que contribuíram com a reforma da Igreja São Jorge. A divina liturgia foi encerrada com o cântico do coral próprio das celebrações episcopais. Após um breve almoço, o arcebispo e comitiva retornaram a São Paulo. ■



O marco da fundação na entrada do templo



O novo pároco da igreja São Jorge, Paulo Lemos

Mariana Abraão e Nouri Haddad



Júlio Cesar Fraiha e Gisele Fraiha

Khaled Tomeh e dom Damaskinos

A história da igreja Ortodoxa São Jorge faz parte do legado da comunidade estabelecida na capital mineira a partir de 1910, que sentia a necessidade de um espaço para sua prática religiosa

LEGADO & INSPIRAÇÃO



Bon voyage: O jovem Georges Hariz acena para os familiares, a bordo do navio que o trazia para o Brasil

GEORGES MELHEM HARIZ O GRANDE AMIGO DA COMUNIDADE



Casal 20:
Georges e
Souad Hariz
em café society

Com espírito conciliador e capacidade de trabalho, o empresário conquistou uma legião de amigos e é apontado como “imigrante padrão”, contribuindo para a formação da identidade líbano-brasileira

Dizem que homens que sabem como lutar e vencer, geralmente são aqueles que desde cedo recebem grandes responsabilidades. Estes têm traços em comum: coragem, inteligência, determinação, força de trabalho e consciência de sua própria importância e vocação. Assim era Georges Melhem Hariz, que trazia no seu coração e na razão o grande amor pelo seu país de origem, o Líbano, pelo país que o adotou, o Brasil, pela qual sentia o qual sentia eterna gratidão.

A maior herança que recebeu da família e da vida foram os valiosos valores morais que pautaram sua trajetória com amizade, lealdade, justiça e

honestidade. Assim dedicou-se às pessoas a sua volta, à comunidade e à luta permanente por aquilo que acreditava.

De personalidade calma e paciente, estava sempre aberto ao diálogo, fazendo amigos mesmo entre aqueles em campos de pensamento diferentes, tanto na vida social quanto na profissional. Daí seu legado rico de experiências e realizações.

Ele nasceu em Zahle, chegou ao Brasil em 1955, aportou no Rio de Janeiro e ali viveu por dois anos até se mudar para São Paulo, onde prosperou como empresário. Tornou-se um dos sócios diretores do Zahle Clube e da Igreja Melquita Católica, entre outras entidades. Porém, sua atividade mais constante foi como integrante do quadro da Confederação Nacional das Entidades



Álbum de família: (na frente) os pais, Melhem e Eugenie Hariz, com as filhas Marcelle, Sonia e Nina. (na segunda fila) Georgette Hariz (irmã), Marie Hariz Eslait, Mina Eslait (sobrinha), Aziz Eslait (cunhado), Georges, Joseph Asfour (cunhado), Lili Hariz Asfour e Nova Hariz (irmã)



Hora da partida: Georges Hariz cercado pelos familiares no dia de embarque

Libano-Brasileiras, da qual ele foi co-fundador, ao lado do amigo libanista Charles Lotfi, em 1981. Estabeleceram os principais objetivos da confederação: “Conjugar e harmonizar os esforços dos seus filiados para manter e fortalecer os laços de compreensão, amizade e respeito entre os povos do Líbano e do Brasil!”.

Também coube ao “seu” Georges fundar e presidir a Federação das Entidades Líbano Brasileira do Estado de São Paulo (Felibra – SP), a qual se empenhou com humildade e autenticidade, incentivando o resgate da nacionalidade libanesa pelos descendentes de imigrantes em todo o no Brasil. Assim como tornou-se membro da Câmara de Comércio Brasil-Líbano, desde 2002, presidente do Conselho Greco Católico Melquita do Estado de São Paulo e senador da União Libanesa Cultural Mundial. Foi ainda membro honorário da Noursat S. A. L. do Líbano e conselheiro da Fundação Cristã Libanesa, recebendo diversas honrarias por sua luta em prol da causa e da comunidade libanesas.

Pode-se dizer que ele representa o imigrante



Georges Hariz e seu primo, Raimundo Scaff

libanês padrão, aquele que superou todas as dificuldades e alcançou o sucesso, que em seu caso foi no ramo da tapeçaria, em sua empresa Hariz Comércio de Tapetes, atuante em todo território nacional.

Georges casou-se com Souad Joseph Skaf e tiveram dois filhos: Melhem e Graziela, que lhes deram quatro netos. Ele sempre incentivou as tradições e a valorização da cultura de seu povo, pensando no legado para as futuras gerações.

Sobretudo, foi um homem de muitos amigos e que gostava de contar histórias inspiradoras, sempre demonstrando uma energia positiva diante da vida. Os obstáculos que superou, os desafios que enfrentou e as vidas que impactou fizeram a diferença e consolidaram sua importância na história da comunidade líbano-brasileira. Foi amigo de verdade e um exemplo a ser seguido. Jorge Hariz morreu em São Paulo, no dia 3 de outubro de 2022, após um período difícil enfrentando problemas de saúde.

Ao “seu” Georges, nossos eternos agradecimentos! ■

Georges foi um homem de muitos amigos e que gostava de contar histórias inspiradoras



Geração Brasil: Georges e Souad com os filhos Melhem e Graziella

LEGADO & INSPIRAÇÃO



In memoriam: Capa da biografia que conta as aventuras e os desafios vividos pelo empresário e diplomata

“O MAIS CEARENSE DOS CEARENSES NASCIDOS NO LIBANO”

Diplomata, empresário e comerciante, Aziz Ary teve papel importante no desenvolvimento da cultura e da economia no Ceará. Essa contribuição está agora registrada em um livro escrito por seu filho, César Aziz Ary



Quatro gerações: o autor Cesar Aziz Ary com a filha Carmen, a neta Renata e os bisnetos Rafael, Luana e Maria Clara



Cesar Aziz Ary ao lado da mulher, Elisa Montenegro Ary

Fortaleza, a belíssima capital do Ceará, possui uma das maiores e mais fortes comunidades libanesas no Brasil. Sobrenomes tradicionais de lá, como Jereissati, Otoch, Karam, Abu Asly, Asfor, Buhamara, Bachá e Ary, entre outros, são reconhecidos na economia, nos negócios, nas artes e na cena política nacionais. Essas famílias impulsionaram o comércio, fortaleceram serviços e contribuíram para a renovação de bairros e regiões inteiras da cidade.

Muito dessa pujança e presença marcante hoje se deve a uma trajetória de lutas e conquistas trilhada principalmente ao longo do século 20. E a nomes como o do empresário, comerciante e diplomata Aziz Ary que, com liderança e empenho, criaram instituições fortes, uniram os imigrantes libaneses e seus descendentes promovendo valores de seu povo para o desenvolvimento da pátria adotiva.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



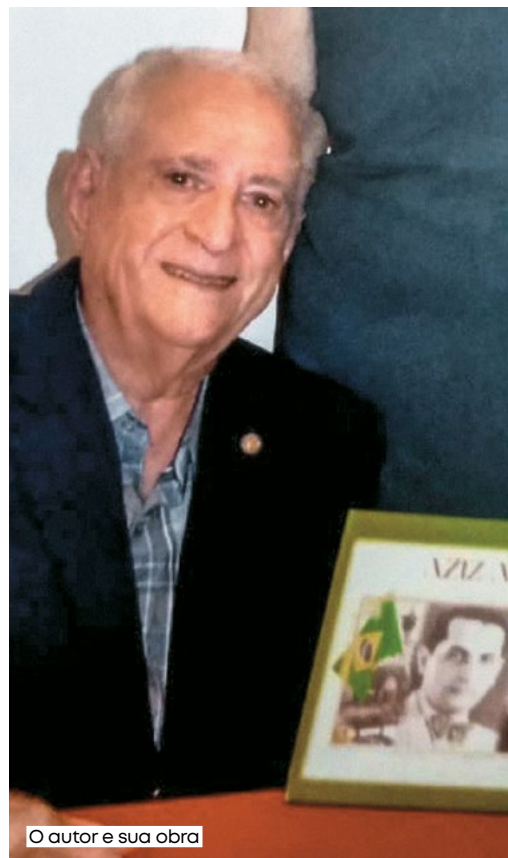
Noite de autógrafos: O autor com a irmã, Clarice Romcy Ary



A biografia lançada e outras obras do escritor Cesar Aziz Ary



Biógrafo oficial: O autor com os sobrinhos que foram prestigiar o lançamento



O autor e sua obra



Filhos da terra: Encontro da família do mais cearense libanês do Ceará

Um pouco da trajetória de Aziz e da própria comunidade libanesa cearense é resgatada agora por “Aziz Ary – Um fidalgo diplomata” (Editora Tipoprogresso), escrito pelo engenheiro, professor e empresário Cesar Aziz Ary, segundo dos oito filhos de Ary. O livro teve noite de autógrafos em 8 de março último, no piano-bar do Ideal Clube.

Não se trata propriamente uma biografia, mas de uma reunião de textos curtos, memórias, recortes de pensamentos e artigos publicados em livros e na imprensa, ilustrada com imagens retiradas de álbuns da família e do acervo de diversas instituições. Uma bela homenagem aos imigrantes que chegaram ao Nordeste brasileiro a partir do início do século passado.

O centenário Aziz Ary nasceu em Zahle, capital do vale do Bekaa, uma das regiões mais prósperas do Líbano, em 16 de abril de 1903. Chegou no Brasil depois da Primeira Guerra Mundial, em 1920, encontrando pai, mãe e alguns irmãos já estabelecidos - com seu próprio armazém, a recém-aberta Casa Síria - vendendo tecidos e miudezas. Juntou-se à família e trabalhou com eles durante



Zaira, irmã do escritor, fez a leitura de alguns trechos do livro

uma década. Depois de se casar com Neuza Romcy e do nascimento dos dois primeiros filhos, viveu alguns anos em São Paulo, empreendendo nos ramos de tecelagem e venda de automóveis.

De volta a Fortaleza, nos anos 1940 tornou-se próspero comerciante apesar da crise no setor na capital cearense. Mesmo ainda jovem, assumiu a liderança, agiu de modo conciliador e promoveu a pacificação e a racionalização do comércio local. Ao levantar a bandeira da conciliação, promoveu a fundação do Sindicato do Comércio Atacadista do Ceará, mais tarde União das Classes Produtoras. Ainda presidiu a Cooperativa de Crédito do Comércio e Popular Ltda e criou importantes instituições, como o Lions Clube de Fortaleza e o Clube Líbano Brasileiro, organizando campanhas e ações sociais, como o Natal dos Pobres e o Dia do Ancião.

Mostrando franca vocação para os negócios, continuou empreendendo. Em sociedade com outros investidores, abriu o primeiro frigorífico da cidade, o Fribo (Frigorífico José Bonifácio). Religioso, foi o principal incentivador e articulador do Santuário Católico-Melkita. Sua nomeação como

“Não se trata propriamente de uma biografia, mas de uma reunião de textos curtos, memórias e artigos”

cônsul honorário do Líbano foi um reconhecimento e uma honra que lhe abriu portas para realizar seu trabalho com ainda mais força.

Aziz Ary morreu com apenas 63, em 4 de julho de 1966, vítima de câncer no fígado. No entanto, seu legado e, sobretudo, o exemplo daquele que a imprensa local chamou de “o mais cearense dos cearenses nascidos no Líbano”, permanecem. Se é verdade o que diz um conhecido poema de Douglas Malloch, autor muito apreciado por Aziz: “Se não puder ser um pinheiro no topo de uma colina, seja um arbusto no vale. Mas seja o melhor arbusto à margem do regato”, pode-se dizer que ele foi realmente uma árvore frondosa no topo do Maciço de Baturité. ■

GEORGES KAMEL DOUMIT

ELE CONQUISTOU SEUS SONHOS

Com garra e determinação, o empresário fez mais do que fortuna no Brasil. Mostrou que é importante ter fé, acreditar em si mesmo e jamais trair o coração

Ele era de Bsharri, terra do escritor maior de seu país, Gibran Khalil Gibran. De lá iniciou a trajetória que o trouxe ao Brasil, percorrendo a mesma trilha de tantos outros imigrantes antes dele, sempre seguindo em frente porque seu coração e sua mente queriam mais. Confiou em seus sonhos, trabalhou com afinco e conquistou uma vida honrada e próspera. Ao morrer, em 2020, deixou um legado e um exemplo para a família e a comunidade.

Nasceu em 7 de abril de 1942, filho de Kamel e Alice Doumit. Na década de 1960 desembarcou por aqui e foi para o interior paulista, na cidade de São José dos Campos, onde passou a trabalhar com o irmão em uma barraca no mercado municipal. Ainda sem dominar totalmente o idioma do novo país, convenceu o irmão a tentar a sorte em São

Paulo, onde também se estabeleceram no mercado da cidade.

No início, ele veio com o irmão e os dois se deslocavam a pé pelo bairro do Brás. Para se localizarem, Georges fez uma marcação com giz nos postes entre o ponto de ônibus e a rua Oriente. Eles compravam mercadoria com os patrícios do bairro, comercializavam roupas infantis e os negócios começaram a prosperar. Conseguiu a independência, alugou uma loja na mesma rua Oriente - onde também passou a residir - fez amigos e jamais deixou de frequentar a igreja de São Charbel, o santo de sua devoção.

Com visão aguda para os negócios, mais uma vez convocou o irmão e passaram a se deslocar pelo Vale do Paraíba até o Rio de Janeiro, a bordo de uma Kombi. Como a verba ainda era curta, um dormia em um quarto de hotel e o outro no automóvel, para se assegurar de que a mercadoria não seria roubada.



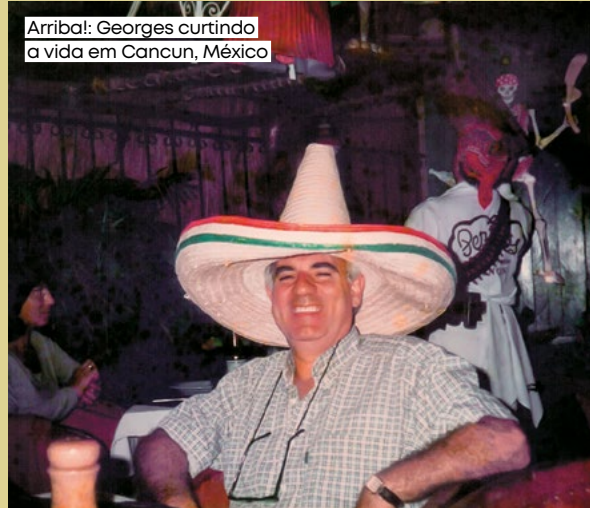
Georges Doumit: De Bsharri - terra de Gibran - para Beirute e de lá para o Brasil, onde fez uma trajetória de sucesso

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Desenho afetivo: A família de Georges e Miriam Doumit em estilo cartoon



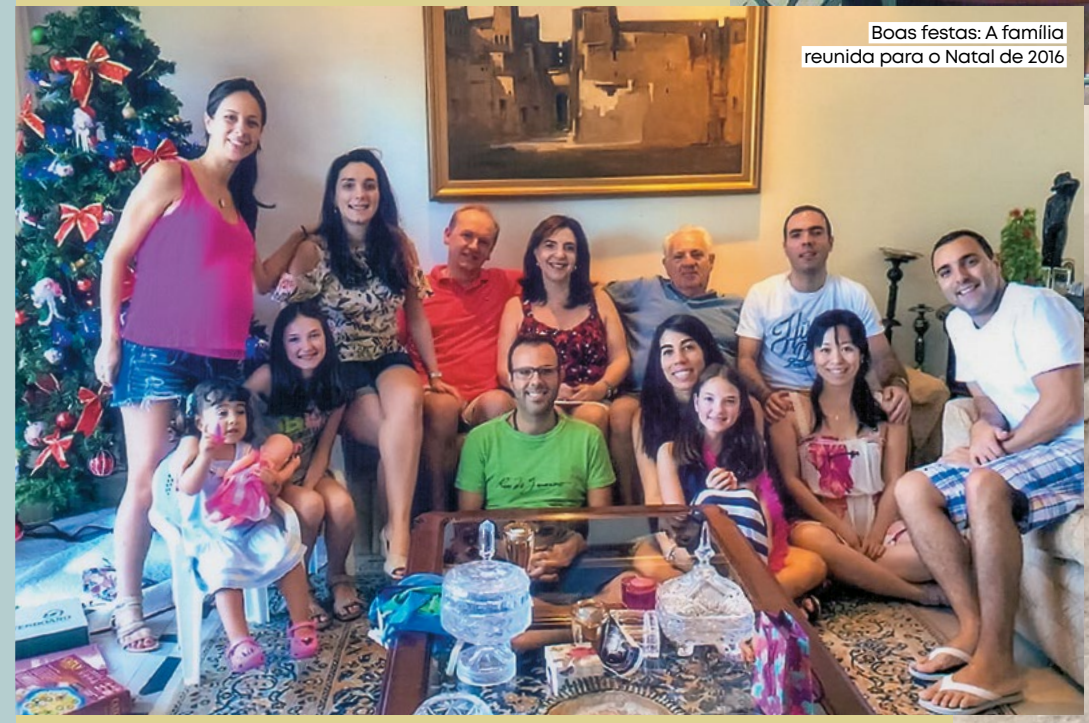
Arriba!: Georges curtindo a vida em Cancun, México



Prosit!: Georges visitando a filha Mirella, em Bad Homburg, Alemanha



Boas festas: A família reunida para o Natal de 2016



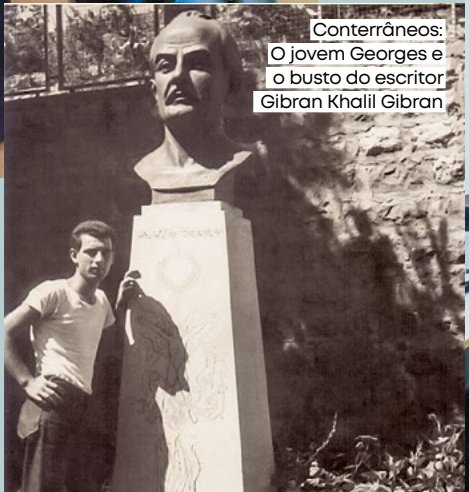
Maktub: O jovem Georges, que um dia partiu carregando o "sonho brasileiro" na mala



Amor incondicional: Com as netas Natalie e Juliana



Orgulho dos pais: Georges e Miriam com os filhos Michel, Gito, Daniel e Mirella



Conterrâneos: O jovem Georges e o busto do escritor Gibran Khalil Gibran



Zona Leste, SP: Michel, Daniel e Gito com o pai, no QG do Brás

GEORGES DOUMIT CONFIU EM SEUS SONHOS, TRABALHOU COM AFINCO E CONQUISTOU UMA VIDA HONRADA E PROSPERA

A FAMÍLIA CRESCEU À MEDIDA QUE OS FILHOS FORAM SE CASANDO, COM OS PAIS SENDO PRESENTEADOS COM NOVE NETOS

Mais tarde contariam essas aventuras, dando muita risada, para diversão dos familiares e amigos.

O sucesso veio lhes sorrir mesmo a partir do final da década, com uma loja aberta na rua Conselheiro Belisário, em São Paulo. Além da freguesia, que crescia, Georges sempre encontrava um tempo para atender os que o procuravam em busca de auxílio.

Por essa época ele decidiu que era o momento de constituir uma família. Foi no Clube Sírio que Georges conheceu Miriam e, valendo-se de frases de efeito anotadas em um papel - cuidadosamente escondido no bolso - convidou-a para dançar. Começava ali o mais importante capítulo de sua história.

Casaram-se em 2 de julho de 1967, na presença dos familiares e da comunidade libanesa em peso. Mirella, a primeira filha do casal, nasceu não muito tempo depois. Na sequência vieram Georges, Michel e Daniel. Grandes amores e um orgulho imenso.

Georges lembrava desses anos com grande alegria. Saía cedo para o trabalho e dirigia seu automóvel Santana - com a medalha de São Charbel no painel - pela avenida 23 de Maio. Fazia o caminho inverso no final da tarde e as crianças o esperavam na porta de casa, avisadas pelo ruído das chaves da loja. Era o momento do dia mais aguardado por todos.

Miriam ficava encarregada da casa e dos filhos, cuidando para que se dedicassem aos estudos e às atividades do Clube Atlético Monte Líbano, o local preferido da família nos finais de semana. "Miriam era uma pessoa muito agregadora, muito alegre, muito animada, adorava ter a família por perto, abrindo a casa para todos", diz sua prima Vera Skaf. "Ela estava sempre disponível, era muito querida. Deixou muitas saudades e boas lembranças", conta.

Mantinham uma mesa redonda no restaurante

da piscina para refeições onde o tempero especial era o amor. Domingo era dia de missa para onde Georges seguia elegante, sempre com a masbaha no bolso. Ao final, gostava de passar um bom tempo conversando com os amigos no pátio da igreja.

A família cresceu à medida que os filhos foram se casando, com Miriam e Georges sendo presenteados com nove netos. Sempre que possível, o casal viajava para o Líbano e, na volta, uma escala na Alemanha para visitar a filha Mirella e os netos.

A vida era boa e Georges foi um homem dedicado à esposa, aos filhos e netos. Nunca deixou de lutar pelos seus sonhos e de ser fiel àquilo que acreditava. Assim, quando partiu, em 29 de novembro de 2020, deixou à família e à uma legião de amigos uma grande saudade e um exemplo de dedicação e generosidade. Sua mulher Miriam o acompanhou meses depois. ■

A vida era boa e Georges Doumit foi um homem dedicado ao trabalho, à esposa, aos filhos e netos



Baila comigo?: Georges tirou Miriam para dançar em uma noite no Clube Sírio, nos anos 1960, e nunca mais se separaram nas próximas cinco décadas



ENTRE ASPAS

“Cuidado com seus **pensamentos**, eles se tornam suas **palavras**; observe suas **palavras**, elas se tornam **suas ações**; **observe suas ações**, elas se tornam seus **hábitos**; observe seus **hábitos**, eles se tornam seu **caráter**; observe seu **caráter**, ele se torna seu **destino**”

- LAO TSE

“Muitas vezes, são os pequenos passos, não os saltos gigantes, que trazem a mudança mais duradoura”

- RAINHA ELIZABETH 2ª

“As coisas em que você pensa determinam a qualidade da sua mente”

- MARCO AURÉLIO, MEDITAÇÕES

“Atitude é a ‘pequena’ coisa que faz uma grande diferença”

- WINSTON CHURCHILL

“Todos os nossos sonhos podem se tornar realidade – se tivermos a coragem de persegui-los”

- WALT DISNEY

“Você nunca viveu o que está pensando, e isso não é bom. Só as ideias que realmente vivemos têm algum valor”

- HERMANN HESSE, *DEMIAN: O CADERNO DE SINCLAIR*

“Uma mão estendo para **dentro de mim**, a outra para os outros”

- DEJAN STOJANOVIC

“A EDUCAÇÃO É A ARMA MAIS PODEROSA QUE SE PODE USAR PARA MUDAR O MUNDO”

- NELSON MANDELA



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

Se você ficou
olhando mais
do que 5 segundos
para esta foto,
não é por acaso

É fome, mesmo

